



universidade federal do rio grande do sul

trabalho de continuação de curso:

FRAGM EN TOS dE
um tEMPO-ERR
ÂN

Cia

luís henrique meneguetti fontana

•
instituto de psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Psicologia da Universidade
Federal do Rio Grande do
Sul (UFRGS) como
requisito
parcial
à
obtenção do grau.

3

Orientação:

Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto

Comentário:

Priscilla Machado de Souza

porto alegre . 2018

•

no princípio era o caramujo	8
eu quis conhecer teus problemas respiratórios	11
A Parede de Texto da Ironia de Mim Mesmo	15
o que é o contemporâneo?	20
Bergson I	26
G.H.	27
Bergson II	29
Eu, corpo neutro de barata	31
uma palavra alarve	37
diante de uma solidão intransponível	40
notícia urgente	42
Manicômio	43
vermelho <i>mori</i>	50
No dia em que eu vim-me embora do manicômio	52
Clínica	54
exposição sobre um caso de desmembramento	63
hodofilia	67
Unidade Básica de Saúde	68
Psicologia	76
Bergson III	79

no princípio era o caramujo

()

quando tinhas a lesma eu ainda te arrancava da parede e o teu grude fazia barulho de carne. logo gozavas na pedra. já teriam as onze-horas se enfeitado que o sol as nutrisse, e no tempo frágil da fome das flores eu te filava das folhas. filhinho. perdiam-te de abraço.

e torcias num S o torsinho ao sentires do sal dos meninos suados, e sumias de susto que não te alcançasse a sina de osmose e assim não te queimasses, e asseavas o próprio corpinho no próprio quentinho por sob a montanha do próprio dorsinho. que eu sempre quis conhecer dentro como se eu fosse o próprio dentro.

e dentro do caneco e dentro do cascalho e dentro do cachorro e dentro do charco. de afora eu te içava e tu te alargavas pelos cantos a vagar. a lesma a lamber a esmo de dentro de casa o dentro da casa. e dentro do ocaso do quarto apagávamos, longe da luz de lá fora e do berço, antro sem sol a marcar-nos os passos – até nos deitarmos de um dia lento. já terias variado a contar dos momentos até que num deles, virando-te errado, intuísse morrer da morte seca dos seres privados do justo espaço.

então eu te punha na beira do ouvido e do teu oco ecoava o meu mar. tímpanos vibrantes, têmporas salientes, no saguão das cócleas tu me revelavas a vocação oceânica dos cacos.

Depois ficaremos tentando em vão evocar a lembrança do exato momento em que a coisa começou a ser. Um instante mais inaugural depois do qual a coisa, então já sendo, foi só durando. Que tropeço nos instaurou um tal modo de caminhar? Quando foi que este pensamento se tornou um peso? Por que alinhamento de astros uma certa verdade se nos enviesou e, revolvendo-se agora de nós vœraz e veredeira, denuncia-nos nos nossos gestos, nos nossos modos de dizer, numa incongruência nossa que em nós passa batida e que só poderá ser reencaminhada depois de esbarrar no espelho dos outros?

Queria saber.

Abri em ajuda a fotografia do começo.

Busquei no olho abismal do caramujo.

Ele buscou de volta:

eu quis conhecer teus problemas respiratórios

(2018)

sente comigo este aposento empoeirado
igual durará pouco e os acessos portanto terão hora de acabar
nem engolirás da própria asma
nem chegarás perto da última tosse
sairei ao sereno quando o pó dançar os átomos do fecho de luz –
antes mesmo do fim
talvez para sabermos sob a luz do próprio pó que o fim esteve ali
o tempo todo
entrara junto de um dos respiros
tornara-se parte das inspirações
o fecho da cortina só tu assistirás
e de um aposento solitário ao outro
deliberadamente
como que de reboco
à finitude da luz
à velocidade do pó
apenas solidário também tu serás levado
por ora sem ato
por ora mais denso
o pó pretendo
senta comigo neste aposento

11

desliga a luz ao sair

Falava para uma parede invisível e entendi que por ora não lhe rogasse mais.

Busquei dentro.

A Parede de Texto da Ironia de Mim Mesmo

Este trabalho parte de uma certa inaptidão, historicamente autoatribuída, às exegeses; e de uma certa recusa caprichosa, própria às crianças, a cederem de si para acatarem à ortopedia do texto dos adultos.

Na Universidade esses dois terrenos – o da autodesconfiança e o da autoimportância – facilmente nutrem nos iniciantes um círculo vicioso cujos efeitos daninhos podem tramitar desde a sensação interna de irremediável impostura até a queixa ressentida¹ por um mundo injusto. Como se, vislumbrada a demanda de que se doasse o corpo às formas mais sancionadas de assimilar textos e produzir conhecimentos na Academia, e tendo o corpo, por algum motivo, pressentido dessa demanda um desconforto, o único diagnóstico fiável fosse um bem maldito: a impertinência do corpo². E a isso subjacente já o princípio de que, tendo-se aqui escolhido permanecer, fosse então imperativo doar o corpo a essas formas.

Um dia escrevi com certo ressentimento:

•

Parece que aqui é sempre prudente fazer um mea-culpa sobre os textos manifestamente implicados. Uma reza preparatória para poder seguir escrevendo. Mesmo quando corro por publicações que atestem a pertinência de pôr-se na cena para conduzir uma investigação ou narrativa, ainda parece que isso só foi possível porque a pessoa a escrevê-lo *já chegou lá*, já pode se dar a esse capricho, porque seus estudos já teriam aprendido a brotar das entrelinhas de cada parágrafo de maneira apenas orgânica. Não eu.

Trata-se, contudo, mesmo para os grandes, de um “aparicionamento” contra-hegemônico, reservado a algumas vertentes de pensamento que o

.....

¹ PAULON, Simone Mainieri. Você sabe o que é ter um amor, meu senhor? Notas sobre ressentimento e “dor de cotovelos”. In: PAULON, Simone Mainieri (org.). *Nietzsche psicólogo: a clínica à luz da filosofia trágica*. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 215-235.

² VEIGA-NETO, Alfredo. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: ALVES-MAZZOTTI, Alda et al. *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000a, p. 9-20.

autorizam, e o qual portanto desencadeia um jorro adicional de comoção na maioria dos contextos acadêmicos, isso quando não a demanda de que se preste explicação.

Esse funcionamento recorre também no estilo de escrita empregado, de modo que os textos empenhados em ir além da forma acadêmica – por estilo, por metodologia, por efeito – são mais facilmente estranhados. *Mais poético. Mais experimental. Mais subversivo*. Resulta, a despeito da pertinência ou não da escolha, que essa forma cai numa categoria à parte, sendo por um momento suspensa da pertença acadêmica – ela é o Outro – para então ali retornar e reivindicar um dizer que se pretende crítico.

No limite, esses modos, para além da desconfiança a que são submetidos já de cara por um lado, por outro correm o risco de representarem novos nichos candidatos à absorção, um diferente pelo diferente, ressecando os efeitos de uma produção viva e, bem aquém dela, reiterando floreios identitários já bem arraigados³. Pois essa produção autodesignada viva, na medida em que promete devolver às máquinas enferrujadas de produzir subjetividade o seu lustro avivador, vende-se frequentemente como sendo o único adubo possível.

Sobre mim, parece que nunca voltei a confiar num falar dos próprios modos após ter aprendido religiosamente, sabe Deus como, a dispensá-los como vãos ao longo da minha história acadêmica. Redobro constantemente o peso da abnegação na suposta humildade a que anemicamente me predestino com essa descrença religiosa. Como se ousar aparecer demais fosse sempre para desgarrar a análise e macular o objeto de estudo.

Mas não é como se alguém tivesse me impedido o empreendimento de mim mesmo e do mundo, fosse ele qual fosse, então quem disse que não pode senão eu mesmo e meus santos? Talvez seja isto um sintoma, pois na Universidade os discursos⁴ de autoridade nos vão sendo informados nos cabeçalhos desde sempre, estrangendo os espíritos mais acanhados a novamente retraírem suas provisões para dentro de outras paredes, em que pese a demanda paradoxal de que se demonstre punho crítico.

.....

³ ROLNIK, Suely. Toxicômanos de Identidade: Subjetividade em Tempo de Globalização. In: LINS, Daniel (org.). *Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades*. Campinas: Papirus, 1997, p. 19-34.

⁴ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Passada a infância acadêmica na qual não perceberíamos contradições, apenas nomes da Graça a que nossas alminhas não poderiam ascender, meus passos seguintes seriam filtros importantes para eu selecionar quais sonhos pareciam melhor me sustentar no curso e com maior força de verdade. E sobre a forma de escrever, eu me pegaria sempre às voltas com o tal do novo diferente, essa promessa de vida que ainda parece de alguma forma me trazer espanto – mas que só às vezes parece suscitar no mundo algum efeito significativo, de modo que também esta não há de ser A Grande Forma.

Novamente, não é como se a Universidade, esse Ente, imputasse-nos o modo ótimo de pensar e fôssemos nós apenas receptáculos passivos em conformação. Há muito que poderia ser feito para comunicar os constrangimentos uma vez sentidos como sintomas e, dentro das possibilidades de cada momento, atuar coletivamente. Falo dos modos específicos que cada pessoa tem de se expressar e de construir seus conhecimentos, para cujo acolhimento fosse talvez proveitoso que ultrapassássemos a demanda instituída das mimeses encomendadas. Isso é caríssimo num curso como a Psicologia, por excelência o campo da produção de subjetividade e da lida com o sofrimento diverso. Já pudemos apreender a profusão de poder constante de todos os polos das relações⁵, daí a conclusão de que estratégias de resistência fossem possíveis para reafirmar-se sempre um lugar de voz mais livre. Mas falo de um momento ainda anterior, de quando ainda não se concebe a possibilidade de puxar a corda para o seu lado porque sequer se concebe que exista um embate em curso, senão apenas um senso difuso de deslocamento.

A adequação a uma normativa acadêmica implica para mim sempre uma parede a atravessar, uma batalha pessoal a bancar, um lugar onde se periga desvanecer sob um modelo instituído pouco generoso. Por outro lado, hoje posso me perguntar, justamente por ter me tornado parte da prole que aqui se produz: existe *a* verdadeira face de alguém, afinal, ou *o* verdadeiro tecido de algo? Por que não caberia um pedaço de Academia em mim? Que fachada minha seria assim tão injuriada se eu o acomodasse? O que ou quem é preciso preservar?

.....

⁵ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Hoje tenho percebido que é possível me pôr a escrever de modo mais ou menos sistemático, acadêmico se preciso, sem por isso perder a insanidade vital que me habita. Só que muitas vezes ao aparente custo de suspender um lugar de enunciação mais legítimo. Mas que, a despeito da eventual mordada, segue sempre – graças à Deusa – reclamando retorno.

•

No cerne, incomodava-me que eu me percebesse sempre incapaz de relatar, em trabalhos acadêmicos e em situações formais, os conceitos, autores e modos de atuar a Psicologia que eu todavia já operava sem grandes embaraços a certa altura do curso, e bastante confiante na intuição de que, tacitamente, eu sabia mais ou menos o que fazia. Como se, para mim, a única forma sustentável de “prestar contas” fosse aquela que me permitisse mostrar ou escrever não a reprodução da vivência bruta ou da leitura bruta, mas o produto elaborado das vivências e das leituras – a seiva elaborada da experiência⁶: a fotografia elaborada do serviço de saúde; o poema elaborado do atendimento mais comovente; a carta não enviada elaborada do desencontro. Como se, tendo-me mirado *lá*, a prática e o estudo me tivessem acertado *acolá*, e eu então fosse capaz de responder somente desde o acolá.

18

De maneira todavia nada causal, porque, no caminho entre o poema parido e o atendimento que eu retroativamente lhe atribuiria como paridouro, inumeráveis coisas teriam passado sem parar. Mas o ato de nomear depois a escuta como mãe do poema já estabeleceria retroativamente um vínculo suficientemente digno para que eu confiasse no parentesco. E para que eu possa agora reafirmar que uma coisa tem a ver com a outra. Que os desvios de percurso têm a ver com o curso. Que as inconformidades têm a ver com a formação.

Mas eu sabia que o embate retornava forte quando, diante da injunção de escrever O Grande Trabalho, eu me pegaria rindo para as mais diversas paredes um riso de angústia. E depois, quando, no afã sorrateiro de priorizar Um Grande Conteúdo e fazer dele Um Grande Estudo, eu me flagraria

.....

⁶ BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online], n. 19, 2002, p. 20-28. Disponível em: <<https://goo.gl/MfGFxa>>. Acesso em 12 nov 2018.

devaneando para o plano do passado, da memória, esse campo virtual onde as infinitas versões diferenciadas do mesmo ser se chocam em fugas paralisantes. E alguma das versões ia fazendo sempre mais força do que a atual para emergir e virar texto, ora uma, ora outra, como que a galgar um lugar mais alto no pódio das linhas do conhecimento, como que a conclamar sua eterna existência em algum lugar muito contemporâneo...

o que é o contemporâneo?⁷

(2017)

o instante do ato de atear o fogo
o instante antes de ater o marlboro
a ponta do dedo a ponte do nariz a pinta de moço o pantone do olho
o átimo primo depois do espanto
pendente ótimo pálido pronto
pioneiro pedante do peso do pranto
no paço onde o peixe amanhece morto
imediatamente na boca:
ali mora o contemporâneo

não há pupila que fixe em mim mais do que o cinza de um
sopro
e até que as papilas transladassem a história dos toques toda
de novo
no trem-bala da memória
na luz sem demora
de quando se goza de mais essa dose de agora
eu já me apagava do maço e do corpo
e já mais um pouco,
e finda a fumaça o abraço do oco
imediatamente na garganta
imediatamente rouco
o fraco do vento
o fresco do gosto
o abismo da beira
o viço de quando se traga de soco
a pressão baixa com que o embaixo da terra nos pega na
perna
de troco
a osmose com que o ar se espraia

.....

⁷ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

as esquinas as praias a casa o esgoto –
pois há mais além de mim daquilo mesmo que há em mim –
o carro que passa

o silêncio

do carro que passou

o instante do ato de atear o fogo
o instante antes de ater o marlboro
o dedo o nariz o moço o olho
no trem-bala do agora
na luz sem demora
de quando se goza de mais essa dose de memória

De modo que o passado se fez presente e vivo – como sempre é⁸, ainda que no hábito mais cotidiano tendamos a camuflá-lo na cronologia em linha reta⁹ do relógio e da agenda na necessidade pressentida de seguirmos adiante. O apressamento dos tempos de hoje é para que sigamos adiante, inclusive, com pressa. Pressa de quê, para chegar-se aonde, isso nem sempre nos ocorre perguntar. Mas uma resposta que se sabe com precisão é que tocar a vida no hábito não vem sem danos. O tempo do relógio, quando nos serve como único marca-passo, assola o tempo de dentro, o tempo da subjetividade – que é tempo dos mais inventivos, matéria viva das mais delicadas. Embora muitas vezes custosa, a tarefa de atentar-se a este outro tempo é fundamental a qualquer um, ao menos de vez em quando, para sustentar a história de si mesmo como uma história vivível.

•••

Logicamente acessamos na graduação uma multiplicidade de autores, assuntos, perspectivas, então não me faltariam tempos que pudessem ser agora contemplados e que, garantindo nova apreciação à folha aparentemente vazia diante de mim, revelariam em vez disso uma folha desde sempre escrita: Psicologia Social, Esquizeoanálise, Análise Institucional, Acompanhamento Terapêutico, Psicanálise, etc. Em suma, inclinações teórico-metodológicas que a cada par de anos foram capazes quase de me substituir o próprio nome, à moda de frases pré-prontas, e de transformar, cada qual com seus maneirismos particulares capazes de afeitar os aprendizes, o modo com que eu organizava o meu corpo e o meu cotidiano. Daí também o perigo pressentido em precisar encontrar novos termos para um novo roteiro final agora: pois, a exemplo das metamorfoses anteriores ante o contato com conteúdos plenamente novos, a necessidade de brotar ainda novas mãos e ouvidos – ou

23

•••••••

⁸ GURGEL, Adriana. A coexistência entre passado e presente na duração de Henri Bergson. *Reveleto* [online], v. 6, n. 9, 2012, p. 74-84. Disponível em: <<https://goo.gl/XY7iyy>>. Acesso em 12 nov 2018.

⁹ CAMPOS, Álvaro de. Poema em linha reta. In: *Fernando Pessoa: Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 352-353.

de constatar em mim algum DNA de inseto até ali desconhecido – não se satisfaria sem, primeiro, um estremecimento do meu edifício interno.

Então, decidido de que uma resposta menos desestabilizadora existia já espalhada sobre os lugares conhecidos, esperando apenas ser re-conhecida desde um outro tempo agora; e portanto decidido a dissolver da recorrência do passado a camada assombrosa para ali dentro intentar a procura, eu me poria a cavoucar cuidadosamente os produtos todos já elaborados de 2012 a 2018 – como que a clinicá-los. Destacaria os marcos que mais notadamente tivessem me posto em pensamento e movimento, dentro e fora dos conteúdos de aula, no Instituto de Psicologia (IP) e nas ruas, e que melhor tivessem me ajudado a assimilar desse decurso a vocação tão inescapável de vagar. De errar pelo tempo. De tempo-errar. Com esse exercício eu daria voz a todas as versões de mim que seguem a vibrar, firmando uma aliança interna de compromisso. E de lambuja desenharia ainda um mapa provisório da diferenciação de mim mesmo, entendendo que fosse necessário, no fim do dia, para seguir o curso das coisas, que eu remontasse a espécie de psicólogo que venho me tornando.



“Seja ainda um personagem de romance do qual me contam as aventuras. O romancista poderá multiplicar os traços de caráter, fazer seu herói falar e agir tanto quanto lhe aprouver: nada disso irá valer o sentimento simples e indivisível que eu experimentaria caso coincidisse por um instante com o próprio personagem. Então, parecer-me-iam fluir naturalmente, como que da fonte, as ações, os gestos e as palavras. Já não se tratariam mais de acidentes que se acrescentam à idéia que eu me fazia do personagem, enriquecendo cada vez mais essa idéia sem nunca chegar a completá-la. O personagem ser-me-ia dado de um só golpe em sua integridade, e os mil incidentes que o manifestam, ao invés de se acrescentarem à idéia e de enriquecê-la, parecer-me-iam pelo contrário desprender-se dela, sem no entanto lhe esgotar ou empobrecer a essência. Cada uma das coisas que me contam sobre a pessoa me fornece um outro ponto de vista sobre ela. Todos os traços pelos quais me a descrevem, e que só me podem fazer conhecê-la por outras tantas comparações com pessoas ou coisas que já conheço, são signos pelos quais ela é expressa de forma mais ou menos simbólica. Símbolos e pontos de vista colocam-me portanto fora dela; só me entregam aquilo que ela tem em comum com outras e que não lhe é próprio. Mas aquilo que é propriamente ela, aquilo que constitui sua essência, não poderia ser percebido de fora, sendo, por definição, interior, nem tampouco ser expresso por símbolos, sendo incomensurável com qualquer outra coisa.”

.....

¹⁰ BERGSON, Henri. Introdução à metafísica. In: *O pensamento e o movente. Ensaio e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 183-234.

•

G.H.¹¹
(2015)

Dos outros. G.H. agora precisa dos outros. Sozinha não conseguirá dar forma, fazer senso da vivência não solicitada que a encontrou. Será talvez possível fazê-lo se fingir estar se direcionando a um interlocutor imaginário: “esse esforço que farei agora por deixar subir à tona um sentido, qualquer que seja, esse esforço seria facilitado se eu fingisse escrever para alguém” (p. 13). E quando o visto, o vivido, permanece indizível, “invivível”, ela só conceberá que perdeu as referências se puder imaginar estar dando a mão a alguém – assim como frequentemente se pega fazendo antes de se deixar engolir pela “grandeza do sono”, essa “enorme ausência de forma” (p. 16). Ela diz:

Embora decepada, esta mão não me assusta. A invenção dela vem de tal ideia de amor como se a mão estivesse realmente ligada a um corpo que, se não vejo, é por incapacidade de amar mais. (idem)

27

Com a mão alheia, G.H. até conceberia deixar-se largar à falta de forma, ainda que esse largar-se seja só temporário, condição e ponte para uma reformatação. Se até esse momento ela é incapaz de ligar os pontos do que viveu – necessidade essa que lhe tem agora urgência vital –, é no exercício de relação com o outro que ela antecipa sequer ter a possibilidade de tentá-lo.

A personagem busca mapear sua forma anterior para tentar compreender, por contraste, o que foi que mudou: algo certamente foi perdido ou encontrado, mas não é possível saber o que a menos que se perceba agora o que se tinha, ou não, antes da perda ou do ganho.

Quem sabe eu tive de algum modo pressa de viver logo tudo que eu tivesse a viver para que me sobrasse tempo de... de viver sem fatos? de viver. Cumpri cedo os deveres de meus sentidos, tive cedo e rapidamente dores e alegrias – para ficar depressa livre do meu

•••••

¹¹ LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

destino humano menor? e ficar livre para buscar a minha tragédia.
(p. 24)

Na verdade, é como se ela nunca tivesse realmente pensado sobre o que era viver enquanto a G.H. que até ali fora. Como se, nunca antes demandada a contemplar-se, apenas fosse sendo, e isso lhe bastasse:

Onde estava o meu destino maior? um que não fosse apenas o enredo de minha vida. A tragédia – que é a aventura maior – nunca se realizara em mim. Só o meu destino pessoal era o que eu conhecia. E o que eu queria. (p. 25)

Por certo sentindo a mão invisível que lhe prometera alento, G.H. nos retorna à fatídica manhã. Tendo-se demitido Janair, a empregada, a protagonista antevê a maravilhosa organização que poderá levar a cabo nas dependências agora vagas.

28

Sempre gostei de arrumar. Suponho que esta seja minha única vocação verdadeira. Ordenando as coisas, eu crio e entendo ao mesmo tempo. (p. 32)

Supõe que o quarto esteja no estado deplorável que o deixou há seis meses, mas é surpreendida por um recinto irreconhecivelmente limpo. O que encontra é um duplo desaforo: primeiro, o quarto límpido, casto, subrepticamente organizado à sua revelia. A única e calculada mácula à perturbadora nova ordem são as figuras nuas desenhadas a carvão na parede – alegoria da história toda da humanidade que precede G.H. e com a qual a mulher se reencontraria, em breve, dentro-fora de si. E em seguida, para um ultraje ainda maior, quando relança a cara no armário, é de uma barata que recebe as boas-vindas. Nesse sequíssimo mar de luz que é o quarto estranho, ele próprio um corpo estranho na casa-organismo “minuciosamente desinfetada contra o meu nojo por baratas” (p. 46), ali onde a inóspita assepsia não nos deixaria margens para pensar em baratas, é justo ali que a barata, abelhuda, vem existir.

“Foi então que a barata começou a emergir do fundo.” (p. 50)

“Mas a sonda lançada ao fundo do mar traz de volta uma massa fluida que o sol resseca bem depressa em grãos de areia sólidos e descontínuos. E a intuição da duração, quando a expomos aos raios do entendimento, também se enrijece bem depressa em conceitos congelados, distintos, imóveis. Na viva mobilidade das coisas, o entendimento dedica-se a marcar estações reais ou virtuais, anota partidas e chegadas; é tudo que importa para o pensamento ~~do homem~~ da mulher quando este se exerce naturalmente. Mas a filosofia deveria ser um esforço no sentido de ultrapassar a condição humana.

Os cientistas detiveram seu olhar de preferência sobre os conceitos com os quais balizaram a estrada da intuição. Quanto mais consideravam esses resíduos que haviam passado para o estado de símbolos, tanto mais atribuíam a toda ciência um caráter simbólico. E, quanto mais acreditavam no caráter simbólico da ciência, tanto mais o realizavam e o acentuavam.

...

Como seria possível que os mestres da filosofia moderna, que foram, ao mesmo tempo em que metafísicos, os renovadores da ciência, não tivessem experimentado o sentimento da continuidade móvel do real? Como seria possível que não se tivessem colocado naquilo que chamamos de duração concreta? Fizeram-no mais do que acreditaram, bem mais, sobretudo, do que o disseram. Se nos esforçamos para conectar por traços contínuos as intuições

.....

¹² BERGSON, Henri. Introdução à metafísica. In: *O pensamento e o movente. Ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 183-234.

em torno das quais se organizaram os sistemas, encontramos, ao lado de várias outras linhas convergentes ou divergentes, uma direção bem determinada de pensamento e de sentimento. Qual é esse pensamento latente? Como exprimir esse sentimento?”

•

Depois do desconcertante encontro com a barata, G.H. nos diz que deixa *seu* mundo para entrar *no* mundo, que deixa de *se* ver para *ver* (p. 62). A mulher procede à constatação de que sua matéria é matéria da própria barata, e de tudo mais que existe, o que só bem mais tarde será capaz de nomear, ainda que insuficientemente, de “neutro”:

Eu, corpo neutro de barata, eu com uma vida que finalmente não me escapa pois enfim a vejo fora de mim – eu sou a barata, sou minha perna, sou meus cabelos, sou o trecho de luz mais branca no reboco da parede – sou cada pedaço infernal de mim. (p. 64)

Aceitando essa constatação, a fatal implicação é que todos os contornos e sentidos que dera à própria imagem e à imagem do mundo até ali não de ter sido construções ativas.

31

Consonantemente, Agamben¹³ se refere ao biólogo Uexküll na noção de mundos concomitantemente existentes para espécie e outra (o mundo das formigas, o mundo das aranhas, etc.), mutuamente intangíveis e incognoscíveis. Seriam diferentemente complexos, mas ademais interdependentes, donde a ilicitude de apontá-los como mais importantes ou menos: essa hierarquia partiria já necessariamente de uma perspectiva antropocêntrica, utilitarista e finalista, situando-nos a um passo do “projeto mundo” como um projeto humano ao qual todos os outros mundos se dobrariam. Seria como dizer que não precisamos aceitar determinados gafanhotos pelo fato de que eles destroem plantações humanas, desconsiderando que as plantações humanas constituem mera contingência aos hábitos existenciais desses gafanhotos.

Do texto acima referido, a diferença entre, digamos, um ser abelha e um ser humano seria a capacidade deste último em criar mundos, enquanto o primeiro estaria fadado a, atordoado, responder instintivamente aos anzóis com que o mundo estimulante o puxa, seguindo uma pré-disposição imutável e

•••••

¹³ AGAMBEN, Giorgio. *O Aberto: o Homem e o Animal*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2013.

de escasso repertório. Ao ser humano estaria então reservada uma possibilidade muito maior de negar alguma pré-disposição, dado que seu campo de respostas é muito mais complexo do que o da abelha. Assim é que eu poderia, enquanto humano, antes da resposta mais imediata de exterminar os gafanhotos, ponderar sobre uma recusa levando em conta outros determinantes que não aqueles do hábito, do *status quo*. Quer dizer, estarei elegível a pensar se quero mesmo matar os gafanhotos; se a única resposta ao impasse à plantação é mesmo o extermínio; se a minha plantação é mesmo tão importante que eu precise sobrepô-la a todo um ecossistema, etc.

Mas a possibilidade de reflexão não garante a qualidade da resposta eleita, ou a que ética servirá. No que se refere à análise do ser humano sobre si mesmo, a ética mais comumente observada hoje é de um tipo muito específico, alinhada a noções racionalistas, que buscam sistematizar os modos de vida segundo alguns parâmetros inteligíveis de recorrência fora dos quais serão caracterizadas as vivências que poderemos problematicamente chamar de anormais. Tal noção poderia ser perfeitamente operativa em muitos campos do conhecimento, mas deixa de ser quando pretende abarcar completamente o ser humano inclusive em sua subjetividade.

Sabemos que no campo da subjetividade operam dinâmicas que são mais complexas do que aquelas dos objetos normalmente entendidos como estáticos e que, portanto, levantam questões sensíveis adicionais. Daí que a sua redução a uma compreensão racionalizadora apresenta limitações no acolhimento à diversidade. Veja-se a construção discursiva em torno da loucura, vigente por séculos, a qual tentou subjugar tal experiência subjetiva à racionalidade do saber psiquiátrico, este hoje sob revisão com movimentos políticos como a Reforma Psiquiátrica¹⁴ porque simplesmente não dá conta de acolher sofrimentos fora do escopo considerado humanamente aceitável. Apontar para um acolhimento das loucuras estranhas, nesse exemplo, é reconhecer a limitação da racionalidade vigente, que frequentemente destituiu das palavras e da experiência o potencial de transformação para reduzi-las a equipamentos de reproduzir verdades.

.....

¹⁴ YASUI, Silvio. *Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2010.

•••

Foucault, em seu corpo utópico¹⁵, brincar¹⁵á com a ideia de que nosso corpo nunca nos é acessível, que ele é uma paisagem que só o outro pode ver inteiramente, e da qual nós, seus detentores, detectaremos apenas fragmentos ou sensações. A primeira palavra grega para designar o corpo enquanto este conjunto que conhecemos e que nos unifica surge num ponto muito preciso da História e se refere ao cadáver. Trata-se, paradoxalmente, do corpo que já não somos mais, e que, ao advir, terá anunciado nosso próprio perecer: é o fim da nossa utopia de alcançá-lo todo. E as crianças, diz o autor, levam muito tempo para saberem que têm um corpo¹⁶, vindo a organizá-lo apenas numa imagem de espelho, legando-nos outra utopia, pois nos vemos apenas parcialmente, pelo curto tempo em que nos fixamos ao reflexo, e se olhamos longe já perdemos nossa imagem. Ali onde nosso corpo está, não poderemos estar nós.

Mas o autor contorce a noção de corpo como sendo esta inteireza que aspiramos, sugerindo que é por outras vias que podemos pensá-lo e dele nos apropriarmos. Nesse sentido, paradoxalmente, o corpo não é nada utópico:

33

Meu corpo está, de fato, *sempre* em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele – e em relação a ele como em relação a um soberano – que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e

•••••••

¹⁵ FOUCAULT, Michel. O corpo utópico. In: *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, 2013, p. 7-16.

¹⁶ Vale lembrar: LACAN, Jacques (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 96-103.

se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos. (p. 14)

A inteireza que o corpo nos outorga é uma que constrange, ao mesmo tempo em que extrapola, o conjunto fugidio que podemos mais ou menos tocar com as mãos ou com os olhos. De modo que, *lá* ou *acolá*, o corpo está, também, sempre *aqui*.

G.H. é uma experiência sensível, altamente corpórea: o seu corpo da barata; a luz branca e seca do quarto – quarto que se torna quase um corpo a atacá-la; os gostos todos que experimenta; as miragens épicas e históricas que vê além de seu minarete e que lhe causam sensações; a argila que ela esculpia. Comer da barata¹⁷ ...

O insólito encontro corpóreo com a barata não instaura de cara um sentido de palavra, este que a racionalidade esperaria das coisas que encontramos, e isso está no cerne da desorganização da mulher. Logo percebe que pela palavra, de fato, é incapaz de atribuir sentido ao encontro corpóreo:

Será preciso coragem para fazer o que vou fazer: dizer. E me arriscar à enorme surpresa que sentirei com a pobreza da coisa dita. Mal a direi, e terei que acrescentar: não é isso, não é isso! (p. 18)

Nenhuma palavra seria mesmo capaz de presentificar o real sentido da coisa acontecida, ela percebe, porque palavra é uma mediação incompleta à coisa, e não um meio límpido através do qual a coisa pudesse fielmente presentificar-se:

Eu, que antes vivera de palavras de caridade ou orgulho de qualquer coisa. Mas que abismo entre a palavra e o que ela

.....

¹⁷ Que todavia não é uma afirmação sem erros: G.H. não fala diretamente sobre “comer a barata”, mas sobre “comer a massa da barata”. Ainda, diz em outro momento sobre “comer do milagre”, o que imaginamos ser possível apenas enquanto metáfora, logo nos inquietando sobre as literalidades do comer. O evento de tomar a barata à boca é central no processo de G.H. Mas ele demanda de uma sutil atenção, pois o uso das palavras nos dá pistas sobre a equivocidade que elas portam, e denuncia a lacuna sempre constante entre a coisa e a palavra que designa a coisa.

tentava, que abismo ente a palavra amor e o amor que não tem sequer sentido humano – porque – porque o amor é a matéria viva. (p. 66)

Essa constatação vem de forma terrível e desestabiliza toda uma organização empreendida na vida, que tem sua própria legitimidade posta em xeque juntamente das teorias de G.H. sobre si mesma amarradas em torno dessa legitimidade.

O drama de G.H. nos dá pistas do desconcerto que sentimos quando não podemos versar sobre as afecções que nos tomam. É quase como se atingíssemos um ponto sensível demasiado *coiso*, demasiado desumano para suportarmos – ainda que tenhamos dificuldade em relatar o perímetro de nossa humanidade, ou qual seu estatuto. No entanto intuímos-lo, e aqui é por vezes inútil que a palavra exista por si só.

Nada menos do que um inferno é o que se demandará atravessar para dar sequência possível à constatação de G.H. sobre a comunhão coisa-com-coisa. Em retrospecto ela pondera:

Só a delicadeza da inocência ou só a delicadeza dos iniciados é que sente o seu [do vivo] gosto quase nulo. Eu antes precisava de tempero para tudo, e era assim que eu pulava por cima da coisa e sentia o gosto do tempero. (p. 154)

A sequência à constatação consiste num abraço à vida na qual agora se percebe que a “coisa” em si é “neutra”, nós é que adicionamos “tempero” de maneira sempre ativa, embora desaperebidamente até que um evento demande dos sentidos uma outra disposição.

G.H. constata que tornar-se humano é uma sensibilização, e que a provação imposta pelo Deus fora um despojamento inicial do humano que ela construíra, como que para verificar se ela aceitaria ou não o neutro, tornando-se novamente humana, mas dessa vez menos presa no engodo das terminologias de si sobre si mesma. Similarmente, depararmo-nos com nosso “ponto de desumanização” é um divisor de águas no acolhimento ou não do outro e da nossa própria humanidade, que precisa ser aceita em sua falibilidade.

Há um acomodamento nosso a certa visão excludente de mundo, na qual uma nuvem de gafanhotos só dificilmente será vista como ponderável ou, antes disso, como sequer concebível. A encarnação da visão vasta segundo a qual também os dias de nuvem nos constituem, e não só os dias de sol devam ser almejados¹⁸, é um posicionamento contracorrente e, por isso mesmo, mais confrontado do que promovido. Pretendemos edificar a inteligência racional por entendê-la como uma desejável superação das inteligências “não-formais” e das sensibilidades mais “pueris”. Mas estes últimos são também âmbitos determinantes nas nossas experiências de mundo. O seu rebaixamento é um projeto que só se sustenta mediante o conveniente emprego de verdades, das quais o movimento do tempo não cansa de nos demonstrar a plasticidade e a insuficiência¹⁹. Em atenção a isso a necessidade de mantermos as racionalidades sob prudente abertura. E de empenharmos de maneira igualmente sensível o projeto das outras inteligências.

•••••

¹⁸ Aos quais nos referimos como dias “bonitos” – ou, mais recentemente nos noticiários, conforme se relativiza no discurso corriqueiro a noção própria de beleza: dias “firmes”. Cabe lembrar que, para G.H., o sol do quarto fazia, antes de tudo, contribuir para o horror do cenário.

¹⁹ Mais exemplos históricos da necessidade que certos saberes pressentem de reforçarem ativamente seus discursos – no fundo entregando-se como reconhecedores de que suas verdades são, desde sempre, mutáveis: ROHDEN, Fabíola. A construção da diferença sexual na medicina. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003, p. 201-212. Disponível em: <<https://goo.gl/jfb5w3>>. Acesso em 12 nov 2018.

“Não te aproximes demasiado das águas, podem ter braços que te puxem para que morras afogada. Não subas demasiado alto, podem vir pés no vento que te queiram fazer cair. Não cobices demasiado o sol de verão, pode haver fogo na luz que te queime os olhos. Não te enganes com toda a neve, podem ser ursos deitados à espera de comer. Tudo na Islândia pensa. Sem pensar, nada tem provimento aqui. Milagres e mais milagres, falava assim. E tudo pensa o pior.

Eu, instável na convicção de que as palavras salvariam, enfurecia-me por me apertar ainda o peito e a tristeza trazer uma paralisação constante dos gestos e das ideias. Dizer Sigrídur não fazia companhia. O meu pai fazia companhia mas não diríamos o nome da Sigrídur com tanta matéria que o seu corpo se refizesse diante de nós. Éramos imbecis. Valíamos nada.

Queria uma palavra alarve, muito gorda, uma que usasse todo o alfabeto e muitas vezes, até não se bastar com letras e sons e exigisse pedras e pedaços de vento, as crinas dos cavalos e a fundura da água, o tamanho da boca de deus, o medo todo e a esperança. Uma palavra alarve que fosse tão feita de tudo que, quando dita, pousasse no chão definitivamente, sem se ir embora para que a pudéssemos abraçar. Beijar.

Beija a tua irmã, porque não a entendes mas ela sabe o que faz. Pensei. Está morta, sabe tudo.”

•

Abri a porta um pouco mais. Saí para a rua a sondar outros ermos e a mapear os edifícios desde outros pontos de vista.



diante de uma solidão intransponível

(2017)

os cachorros magros de Porto Alegre revelam uma existência vagarosa pouco percebida no cotidiano de nossas pressas. quando uma pomba se atravessa quase nos levando uma orelha, tudo que nos vem à cabeça é a doença que deve ter ficado conosco junto de alguns piolhos. fechamos os olhos à complexa maravilha de suas plumagens e sequer nos questionamos se aquele não seria o fatídico pombo mensageiro enviado para nos informar o veredito de nossas vidas. também os narizes nós os fechamos ao toparmos com um container levemente mais malcheiroso do que os outros, e de reboco nos protegemos da afeição que os jacarandás caídos nos obrigariam a cheirar em nós. é verdade: não queremos sentir muito. a travessia ao outro lado nós a levamos asséptica, sem eventos, nossa cara fechada um elmo, nossa marcha altiva uma cruzada. cada pessoa leva nos sapatos uma luta desconhecida sobre a qual não quer o fardo adicional do compartilhamento. cada transeunte é um desbravador mais ou menos solitário.

mas ainda as quiromantes vivem uma existência alarve. são sereias urbanas a seduzirem os juvenzinhos mais inocentes perseguindo-os com verdades sobre a prosperidade e o amor. alguns francamente dão as mãos à ilusão porque em algum lugar neles persiste infantil a ânsia pelo alhures, pelo outrora e pelo novidoso: não pode ser verdade que esta nossa vida seja tudo que nos foi concedido. há os que chegam a ceder de uma nota de dois reais para tornarem sua crença mais verossímil aos dias de hoje. (por certo tiveram seu cartão de crédito surrupiado como garantia de que o fariam, mas mesmo isso adiciona ao afã de tão romântica aventura para uma manhã de terça-feira.)

há dois tipos de amantes: os que se beijam nos becos; e os ao telefone separados pela ligação. e há na

mesma rua dois tipos de amantes: os que não se importam com a tromba d'água, pois não levam tão a sério suas roupas e penteados; e os que compram uma sombrinha a cada passeio desavisado, ora esquecida antes mesmo do retorno a casa, ora carregada de encosto até o varal da despensa onde se somará aos demais figuras de uma descartável coleção.

na solidão da avenida, cada partícula caminhante, cada pessoinha tão para si não se soma às outras num organismo coletivo ao existir. não dá cócegas esfregar o sovaco dos viadutos. não salta a perna martelar o joelho das esquinas. todo mundo está em outro lugar. todo mundo está em outro lugar ao ponto de não percebermos a sorte de toparmos em cheio com alguém.

enquanto isso se vai largando a dignidade já escassa nas poças de suor do mormaço de Porto Alegre. aí sim, para esbravejar estamos inquestionavelmente aqui. e para deixar de dizer. são poucos os corajosos que cantam baixo enquanto furam de mansinho a fila das calçadas.

notícia urgente
(2017)

subiu demandado a estreiteza do beco
pulou as escadas de dois em dois
lavrou Duque abaixo um sonho aventureiro
nenhum vivente, convite, revogo
nenhum insone na Praça da Matriz –
o ponto nostálgico da nevralgia –
cindiou-se de si à mercê da promessa
doou o calcanhar a cordões invisíveis
comeu do alento luzido na Vozes
cuspiu da alma na Riachuelo
negou constar nos obituários
cedendo a *affairs* de classificados
assim de insano a listar salvadores
rezou baixo a um Deus morto
verde-e-amarelos: sinal vermelho
benzeu São Pedro um céu a menos

as nuvens de *ennui* e de negação hoje minam
o nada que nasce no novo
já têm penetrado há tempos os interstícios
das construções
assim é que na cidade nos instam a sumir: na
massa corrida que separa os corpos

quem ousa pensar alto que a cidade não é
outra coisa senão nós?

única aparição sob os holofotes perfeitamente
imaculados da tua esquina,
um vulto anima a cena a quem, de lá da
janela, entrega-se a uma tela
e aqui, aquém das telas, sinais que ninguém
interpela:

faróis e sirenes em lugar dos nossos olhos,
dossiês delongando o esperar da avenida,
o mapa novo que o gato contorciona
de soslaio a quem passasse
mas nenhum corajoso essa noite passa

esgueirou a placa de alta tensão – vai que
fosse um diagnóstico

nenhuma doula para a lua grávida,
nenhum nome para os partidos,
nenhum descanso para os malvados,
nenhum balanço para os furtivos

e no largo estacionado, sem balanços,
só autos,
nenhum regaço²¹

[espaço reservado para receita de bolo de fubá]

.....

²¹ Sobre a escolha política de se substituírem os lugares de convivência pelos estacionamentos: GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? [conferência]. Institut International des Droits de L'enfant (IDE): 2005, p. 1-11. Disponível em: <<https://goo.gl/9SdZsc>>. Acesso em 12 nov 2018.

•

Manicômio

(2014)

Jandir²²

Caminhava com Jandir na Bento em busca de uma TV e meu acompanhado não falava nada. Na angústia paralisante de precisar sustentar junto o silêncio eterno do outro, incapaz de quebrá-lo por temer uma invasão desmedida; ou no limbo suave que é silenciar junto, seja por onde for, ali no momento do encontro o que está em questão é o encontro. Respondo um pouco a Deleuze²³, respondo um pouco a Lacan²⁴, respondo um pouco – ora – ao metal melódico de Nightwish²⁵ e à prosa poética de Whitman²⁶, mas ali no imediato da caminhada, para todos os efeitos, respondo por excelência a quem caminha e enquanto caminha.

A TV que Jandir queria comprar serviria para assistir à Copa do Mundo de 2014. Depois, vim a saber, para noticiários e outras programações da Rede Globo. Franzir a testa; virar os olhos; fazer muxoxo; suspirar: eis uma lista de saberes imediatos do meu hábito na resposta à Copa mercantilizada e às lógicas Globais. Mas a quem haveria ali de importar que eu minasse Jandir desses meus manincômodos? De que serviria cair no meu automatismo próprio de, nas entrelinhas, manipulá-lo para uma não Globalização? Então eu contengo meu corpo e o aceito outro. Ele me fala da Globo e rimos juntos um riso de gosto, porque ali em nosso pequeno globo a tela é uma ferramenta de desalienação.

Quando a TV explodiu, ele me falou alguma coisa sobre a fumaça que precede o fogo. A tela se esvaziou no lado de lá e fez restar aos olhos que se virassem do lado de cá, inescapável, bem mais inescapista. Eis o momento em

•••••••

²² Nomes inventados.

²³ DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as Sociedades de Controle. In: *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 219-226.

²⁴ LACAN, Jacques (1955-1956). *O Seminário, Livro III: As Psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

²⁵ NIGHTWISH. *Imaginaerum*. Nuclear Blast, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/FAPvX6>>. Acesso em 12 nov 2018.

²⁶ WHITMAN, Walt. *Folhas de Relva*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

que Jandir se anima a sair do prédio, ânimo que lhe é raro, e que a mim é caro. Montamos num táxi e partimos à assistência autorizada da Ipiranga, eu abraçado na TV e ele atrás agarrado na tomada. A Globo rumo ao concerto.

O raro ânimo precisa de constantes ataçadas, como um barquinho de papel que nos acompanhasse na bacia d'água de uma tarde lenta. Há sempre um limite de ar soprável num pulmão. Há sempre um limite de água percorrível numa bacia até que se encontre uma nova parede. Insistência, sim, e quem sabe uma ventania redobrada para os momentos mais marasmáticos. Mas prudência e delicadeza, porque, lembremos ainda – e eis a terceira consideração fundamental –, o barco, conquanto aceite dobras, é ainda de papel.

Ricardo

44

Háviamos uma vez compartilhado os meus grãos e o seu pão no lado de dentro dos muros. Aqui fora, nesta viagem de ônibus, utilizo-me estrategicamente dos alimentos, intercalando-os na boca²⁷ com os assovios e as cantorias dele, já há tempo a incomodarem os vizinhos de assento – denúncia visível nos olhares tortos.

Esses miúdos servem ainda de assunto, ajudam-nos a rememorar outros encontros nossos. As lagarteadas perto do meio-dia. A brusa favorita dele de que alguém lá dentro desdenhou. A esquizofremia, que alguém disse e ele achou um nome tão bonito. O comprimido laranja, que deve ser pro colesterol. O Aurélio, que sempre dá um jeito de nos interromper para recitar de cor, enciclopédia ambulante, mais um capítulo de sua saga freudiana (e para nos julgar como moralmente inadequados sempre que falhamos em evocar no ato todos os quatro destinos da pulsão). A irmã Ângela, que sempre nos apoia, e que a essa altura já deve ter deixado às vistas os documentos que nos ajudarão, na outra cidade, a dar prova de vida.

Lá chegando, ele pergunta se eu não quero dar a mão pra atravessar essa rua. Só porque é perigoso. E conhece a cidade melhor que eu, então vai poder me ensinar. Aproveita o ensejo e propõe que passemos mais um tempinho juntos, dava até pra eu dormir com ele. Na mesma cama, que tem

.....

²⁷ KAUR, Rupi. *Outros Jeitos de Usar a Boca*. Brasil: Planeta, 2017.

espaço. Só se ficar muito tarde pra voltar. Já antes havia me questionado sobre o meu interesse por mulheres, com os olhares furtivos de quem especula o campo de possibilidades dentro da permissividade do outro. Procuo a esmo a cara ótima entre a surpresa e a graça para propor uma permissividade que se limita ao já vasto campo da escuta. Digo-lhe que vamos vendo para ver como as coisas vão. Não faço caso do amor.

Ele desvia brevemente do nosso rumo para se olhar na vitrine da agência bancária. Sempre para quando passa aqui, diz faceiro. Faz um segundo desvio logo depois, dessa vez na vitrine da Brigada. Ali os olhares são menos receptivos, parece-me-lhe, e não nos prendemos muito. Não queremos a confusão que já lhe aconteceu antes. Na calçada logo à frente ele me olha e desolha, curva as costas e as ergue, certifica-se de algo: a gente é do memo tamanho, né? E porque não somos, digo que não.

Mais adiante não serei o interlocutor afável, ou aquele que faz espelho, mas alguém que ameça. Serei filho do Schwarzenegger. Sou a cara do meu pai. E o meu pai merece uns pau. Terei estado com a minha supervisora dentro do computador, aquele dia, com os óculos escuros, espionando. Terei sido conivente com a implantação do chip na cabeça dele. Aquele dia lá. É quando serei oferecido a um taco de sinuca e retornarei sozinho à zona urbana, desbravador fugitivo da lama e do temporal, porque não terei querido jogar aquele jogo de uma tacada só.

45

Abraçadores

Respondi *incapaz* quando fomos perguntados, nas conversas de início de ano da disciplina, quais eram nossas expectativas para os estágios básicos que se iniciavam. O fatalismo fez-se saber. Olhando em retrospecto, uma outra visão agora: ainda que me interesse saber que o desejo esquizoanalítico difere do do lacanismo²⁸ – porque inevitavelmente isso repercutirá nas leituras possíveis que terei quando o desejo estiver em jogo –, não sabê-lo não me faria de todo incapaz. Menos munido de recursos, certamente, mas não incapaz. Viria a me parecer incapacitante, essa sim, a acentuada ideia de que só no

.....

²⁸ NERI, Regina. Anti-Édipo / psicanálise: um debate atual. *Ágora* [online], vol. 6, no. 1, 2003, p. 21-43. Disponível em: <<https://goo.gl/XoXkoh>>. Acesso em 12 nov 2018.

sabê-lo teórico-rigorosamente é que pudesse residir a resposta verdadeira – noção de fundo que precisaria sempre ser acompanhadamente desaprendida. E com os Abraçadores, nas paredinhas da nossa pequena turma de supervisão, eu passaria a aprender e desaprender a aprender e desaprender.

Enquanto silenciava na Bento com meu paciente-acompanhado-amigo²⁹⁻³⁰, no momento ilegível não importou saber explicitamente que o desejo em Deleuze e Guattari funciona numa lógica de fluxos, e move-se de um inconsciente maquínico produtivo, e não se subsume a uma lógica fálico-edípica de falta, representação, simbolização. De rizoma³¹, por ora, só talvez a tua na beira da calçada. De eco³², por ora, somente os passos em uníssonos, e somente até virarmos a esquina. Dessaber temporariamente os saberes para dar-me à caminhada não me fez incapaz – nem de saber, nem de caminhar.

Em Ricardo, o espelho amável do outro, ser o outro, ser perseguido pelo outro. Por certo teria pistas das especificidades da transferência nas psicoses segundo uma leitura lacaniana³³⁻³⁴, porque minha supervisora local já antes havia dito, e porque lemos. E isto provavelmente há de ter me falado silenciosamente quando, sem realmente pensar teoricamente, não fiz caso do amor, marquei a diferença de alturas na calçada, não exacerbei meu lugar de perseguidor tentando apaziguar o outro numa argumentação direta.

...

Recordo de algum momento no meu estágio em que eu ouviria uma psicóloga de fora do núcleo dizer, em tom que confundia a jovialidade e o sarcasmo, em resposta a um dos chamados de Aurélio, que “eu lido com a Psicologia, não lido com a Psicanálise. Psicanálise é *outra coisa...*”. Não muito distante desse dia, uma das minhas supervisoras locais apontaria,

.....

²⁹ LANCETTI, Antônio. *Clínica peripatética*. São Paulo: HUCITEC, 2008.

³⁰ PALOMBINI, Analice de Lima. *Psic. a céu aberto? Psicose: abert. da clínica*. Porto Alegre: APPOA, 2007, p. 156-175.

³¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. 1. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000, p. 10-36.

³² GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.

³³ CALLIGARIS, Contardo. *Introdução a uma Clínica Diferencial das PSICOSES*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

³⁴ DUNKER, Christian Ingo Lenz. A Origem do Ego: Espaço Imaginário e Tempo Simbólico. In: *A psicose na criança: tempo, espaço e sujeito*. São Paulo: Zagodoni, 2013, p. 105-115.

aparentemente incomodada com a insinuação de um colega, a impertinência de identificarmos uma das atividades ali desenvolvidas como sendo *de orientação* psicanalítica, porque tal identificação denotaria uma minimização do real rigor psicanalítico do espaço.

Divergências de entendimento – e, portanto, de prática – facilmente subsidiam um movimento recíproco de rechaço, onde uma perspectiva teórica passa a entender a outra como impraticável se incorporada integralmente, com a exceção talvez de alguns elementos de uma e outra – os quais, no entanto, são escanteados desde um lado e outro porque o mero reconhecimento de qualquer potência vinda do “outro lado” poderia denunciar o reconhecedor como simpatizante de um ecletismo indesejável, incoerente e potencialmente danoso.

Mas se Psicanálise é outra coisa, se não é um esquema aberto disposto a ceder de elementos seus para um uso não circular, então não posso eu próprio, enquanto agente da escuta, operar outra coisa que não a própria Psicanálise, e ainda assim dela me utilizar como recurso? É certo que não posso me utilizar de elementos esparsos de uma certa Psicanálise e dizer que a estou operando *stricto sensu*. Mas posso, sim, dentro de minhas próprias perspectivas teórico-metodológicas e éticas, na lógica de uma caixa de ferramentas conceitual³⁵, operar com recursos e pistas desse saber para um acompanhamento mais rico, aberto e compreensivo do outro. Isto não significa corromper ou distorcer a Psicanálise, e nem ostentar uma falsa pertença aos meios psicanalíticos. Tampouco se trata daquele ecletismo que tantos narizes torce: porque minhas práticas se sustentam num esforço de ética, e esta, por ter no outro o princípio, deverá sempre propiciar que eu preste serviço levando em conta as verdades e a autonomia daqueles que me demandam a escuta.

Ainda que se possa ver na Psicanálise laciana, por exemplo, uma tomada do discurso do sujeito a partir de uma ótica de desalienação, alguns dos pressupostos desse saber perpassam minúcias elas próprias alienadas. Falo, por exemplo, de itens recorrentemente negligenciados, como a terminologia: função *materna*, metáfora *paterna*, etc. Essa negligência se

.....

³⁵ SANDER, Jardel. A caixa de ferramentas de Michel Foucault, a reforma psiquiátrica e os desafios contemporâneos. *Psicol. Soc.* [online], v. 22, 2010, p. 382-387. Disponível em: <<https://goo.gl/kw3NYo>>. Acesso em 12 nov 2018.

refere, longe de ser à aplicabilidade interna dos conceitos, a uma reiteração de termos que em si já embutem uma concepção muito particular de família, de papéis de gênero e do que seja o ninho de um sujeito. Entendendo que se trate aqui mais de uma função do que propriamente de uma figura de corpo presente – isto é, algo nomeado como metáfora paterna não precisa se remeter a um pai, tampouco a um ator masculino, e nem sequer a um ser humano –, ainda assim persiste a sombra da palavra batida.

Conquanto essa minúcia do termo não deva ser sempre o centro da discussão, ela não é um detalhe retórico desimportante, pois um termo carrega sempre o desenrolar todo da constituição do saber de onde ele advém, constituição essa que se dá sempre num tempo e num espaço. Não podemos aceitar de certos termos apenas a alegoria conceitual quando vemos hoje mesmo, bem ao nosso redor, experiências novas ou reatualizadas que reivindicam novos acolhimentos, contra os quais os termos engessados oferecem afronta, por vezes em nome de uma autorreferência caprichosa e prescindível. Por mais que contemporaneamente se argumente em favor da flexibilização do entendimento dos lugares familiares, por exemplo, dentro mesmo das perspectivas psicanalíticas, segue necessário um empenho de revisão sempre que o cânone perigoso nos assombrar com seus chavões de peso.

Enquanto psicólogo em formação, mas também enquanto apenas uma pessoa no mundo, justamente por buscar me atentar a esses detalhes e vivências em sua minúcia é que me é possível visibilizar pequenos danos da teoria ao teorizá-la, da vivência ao vivê-la. Mantendo em mente essas observâncias, ao perambular pelos arcaibouços eu mais dificilmente cairei em calabouços – e tanto menos arrastarei e calarei pessoas comigo.



o amor é uma emoção tão melosamente burguesa, derramaram. e depois, de um modo suspeito, as mãos não sabiam mais o que fazer com elas mesmas. fitavam o outro par desde o lado oposto de uma mesa nem muito pequena, nem muito grande, e suficientemente alta para descansar os cotovelos de um, que logo se avermelhariam de dor sob a pressão dos anteparos. uma mesa perfeitamente adequada a braços modestamente necessitados. (era provavelmente essa falta de vulnerabilidades o que a impedia de ser minimamente memorável.) vieram parar num estabelecimento bastante superfaturado e, a despeito disso, depois de despirem-se do veludo sufocante, tatearam do ambiente a ferrenha falta de ambição. os acessórios à frente eram facilmente alcançáveis, mas não lhes parecia interessar que algum indicador lhes dirigisse importância. todos descartáveis, camuflavam-se estranhamente ao cenário de outro modo suntuoso, monótonos como a mesa que os sustentava, como se, resistentes a uma cooptação qualquer, ostentassem uma recusa à identidade. passariam batidos. eram ninguém. não legariam no corpo para um futuro, mesmo que hipotético, os acontecimentos que em seguida testemunhassem de quem os vasculhasse: uma pazinha de plástico transparente por colher; um copo de cartão pardo por xícara; um guardanapo acetinado que espalharia a mostarda inteira por um bigode – sem limpá-la; e até mesmo dois arranjos de mosquitinhos ressequidos que se deixariam debulhar sem protestos. fio após fio num desmembramento cego, os caules quebradiços iam criando ora um caminho sinuoso, ora um ângulo afiado, ora um lomba amorfa e assim sucessivamente. eram agora manuseados em consonância com a variação musical das falas e do silêncio. nesse novo ímpeto de esquartejarem as florezinhas já meio à morte,

ademais do desajuste que revisitariam em si mesmas se fossem forçadas a pararem de falar, as mãos se cegavam ainda ao hábito de reduzirem as coisas todas que se lhes pusessem ao alcance às suas mínimas partes constitutivas.

nesse dia de odiento calor, já há pouco haviam gorfado ao outro par uma frase derradeira, dessas sem pergunta mas que fazem suspender no ar o gesto por uns segundos. depois, haviam francamente deixado de gesticular e assim causado uma bagunça profunda nos dois pares até que se reencaminhassem as ideias em formatos suficientemente conhecidos. e em seguida, noutra parte da conversa – de longe a mais profusa –, haviam arrancado do outro par a lembrança de quando, à flor do tato, lera a sua primeira palavra de todas, com um erro de ênfase que doravante se lhe tornaria característico, o vermelho ainda à mesa a caminho da emergência: ambulancia. (que no futuro hipotético se provaria estar romanticamente afim com melância.)

depois daquele dia, por via das dúvidas, e a fim de melhor se ver de cima, a passagem do tempo começaria a ser contada nos dedos dos pés; e não mais de relógio em relógio, mas de acidente em acidente.

Dois anos depois, eu voltei para a segurança aparente das quatro paredes. No dia em que eu vim-me embora do manicômio, não me lembro de trás das grades que deixei se fazia chuva ou sol. Também não faço força de lembrar, que é para que nada perigoso corromper na memória a brecha prenehe daquele acontecimento.

Mas hoje eu vejo que chove do Alto das Nuvens³⁶ e a chuva há de ser bem-vinda em alguma copa de árvore. Assim torço. A água aviva nuances de líquen normalmente invisíveis a quem ali fosse se encontrar. Em algum lugar depois do abraço segue frondoso o verde. As unhas sujas dos abraçadores atestam ainda o romper das bolhas. Persistem os lanhos relevando o tronco, que colheu dos poros dos passantes o peso de seus ombros, e porque deixa que a si tragam sempre um pouco de sombra e de si levem sempre um pouco de sol, generoso estandarte, metade estende, metade parte.

52

Em dias assim tão úmidos, que são o cúmulo de uma série indignante de dias igualmente úmidos, as páginas se tornam lisas e penetráveis, mais moles e sensíveis. Eu risco meu livro e surgem vergões nas costas. O corpo do lápis entalha mais forte enquanto a alma do lápis pinta mais fraco. É um círculo virtuoso: o texto precisa ser machucado.

Da sala vou para o quarto. Se eu lesse *lá* a mesma frase escrita que li *acolá*, em que sentido ela me faria diferir?

O tampo da mesa sob a janela. Meu corpo de canto contra a parede. Mas daqui vejo também, além da alegoria do castigo escolar dos nossos pais, o palco inteiro que me procede depois das cortinas. A nuvem de dragão à qual uma criança dedicaria sete anos de teorias. A falta de leite estampada nas costelas mingas de uma mãe do meio-fio. A estrela mais brilhante de todas escondida de um amante a nordeste do marco. O afeto sazonal empedado na primavera qualquer de um ano qualquer, e que hoje dá-se in³⁷teiramente aí ao mundo em todos os becos e vielas já percorridos e ainda alguns apenas almeçados. Os restos amarelos de IP uma homenagem fadada a congestionar

.....

³⁶ PENTEADO, Maria Heloisa. *Nina Chuva*. São Paulo: Scipione, 1992.

³⁷ Diretório Acadêmico Samuel Eggers, o Incrível (DASEIN): <http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2013/09/a-felicidade-e-tragedia-de-dois.html>

bueiros com toda uma beleza incompreendida. Vejo as mesmas montanhas que via do manicômio. Alguém as vê de lá de dentro comigo agora?

Levanto da cadeira e um buraco afundou a almofada onde antes estava o tornozelo. Hesito vários segundos até lembrar como chama esta parte de corpo: cotovelo?, calcanhar?, clavícula? Como quando, ainda políglotas, precisamos vasculhar as gavetas da cabeça em busca da palavra nativa que corresponderia à estrangeira intuída. Que nunca poderia significar a mesma coisa – o corpo se perde no tempo de dizer. Corpos são línguas intransliteráveis.

•

Clínica

(2016)

Eu já vestira a camisa de alguém que iria ao encontro de algo por acontecer e na roleta eu tropecei com a jovialidade acontecida de alguém que já tivesse tropeçado bastante. Ajuntei a moeda com a cara para cima e senti o cabelo ser levado embora pelo vento. Aí foi que me ocorreu se a linha ainda em processo de estabelecimento no lado direito da minha cabeça teria voltado para o lado esquerdo. Por via das dúvidas, ajeitei o cabelo com um pigarro e com a cara desinteressada de quem abana fora um inseto inoportuno. E no leve incômodo encenado, ao sentir a boca insinuar-se num desgosto, eu a constatei seca e jurei seriamente para a parede do ônibus, mais uma vez, que passaria a usar uma pasta diferente.

54

Em verdade a boca seca, marcadora de presença também nas horas de nervoso, fez lembrar que eu já estava no processo do meu primeiro atendimento na clínica onde atuaria nos dois anos seguintes. Logo sentaria por longos momentos em frente à paciente ainda desconhecida, então um relógio viria a calhar enquanto tudo o que compartilhássemos fosse ainda um tempo cronológico. Vesti a curta listra verde-oliva que eu herdara da minha irmã quando ela quisera livrar do próprio pulso esse aperto um dia amado. Um macaquinho pendurado pela cauda era o ponteiro que marcava os minutos. Achei espantoso que uma geringonça tão disparatada pudesse marcar o escoar da vida de maneira tão confiável. Talvez o macaquinho dentro da redoma carregasse nas costas a herança corporal dos animais e seus hábitos, e o seu limitado repertório de respostas não verbais o constrangesse a seguir seu passo natural, em linha reta, em círculos, sem grandes desvios? No fundo – eu pensei –, para o tempo do relógio, nós somos principalmente animais.

Depois eu subi a pequena rampa antiderrapante e, uma vez aberta a porta, cumprimentei essa outra mulher que não conheço, mas que sempre me abre para a clínica. Dessa vez nem nome eu sei, mas a julgar pelos frequentes cumprimentos e despedidas na recepção, e por algum olhar faceiro sempre que nos vemos, é evidente que já temos um lugar na vida do outro.

Subi os lances de escada dando umas dançadas entre degrau e outro enquanto ninguém visse. Fazia caretas de um diálogo imaginário com essa paciente que eu logo atenderia. Constatava que ela estava ali comigo na minha cabeça. Criava para ela um rosto, suficientemente plástico para poder ser transfigurado em breve pelo encontro com o real. E enquanto ainda era eu que a inventava, e enquanto ela ainda me confiava para endereçar demandas, eu respondia coisas absurdas com o tom todavia sóbrio de quem sabe o que fala.

Como o culpado de um crime leve à espreita do polícia sempre iminente, na cena da subida eu tentava – só pela metade – que a minha pequena loucura não fosse descoberta. Quando ainda dizem que psicólogo é coisa de louco, mal sabem eles. E nos pés, a calça social a encobri-las de qualquer suspeita, uma meia de cada par.

Elena

Ô, tu sabia que eu tomo antipiscólo?

Estrategicamente eu estranho a pergunta, esboço umas caretas interessadas de adulto bobo, mas a menina me responde com poucas palavras:

É porque eu surto.

Também os anos poucos, Elena me recebia estancando firme a cara entre as mãos. Mas falhava sempre em esconder atrás do monte de dedos o sorriso sagaz e tímido que ditava o tom do tratamento já muito antes deste encontro. Sem querer querendo, no revide do surto eu sinto os músculos da face minguarem em desconforto. Criança vivida, Elena era muito habilidosa em nos estapear com umas verdades.

...

É certo que um dos trabalhos necessários e possíveis nesses nossos atendimentos é justamente ampliar a narrativa sobre os “surtos” que a pequena protagoniza na instituição de acolhimento institucional onde vive – ali onde a norma estreita instrui precisamente às conversas curtas. A aposta é que insiramos, aqui em psicoterapia, os eventos brutos numa rede significante capaz de transformá-los numa experiência assimilável a fazer sentido na vida dessa pequena. A resposta imediata de atacar os episódios com medicamentos antipsicóticos, como tem ocorrido em Elena, é um elemento que serve de analisador ao modo como temos tratado o sofrimento psíquico contemporaneamente³⁸.

Um outro analisador ao contemporâneo, agora no que concerne às identificações imaginárias legíveis em atendimento, diz respeito ao prestígio dos grupos e dos objetos de consumo. Elena é negra e um dos comentários da agente educadora de referência para mim é uma recusa da menina em acolher

.....

³⁸ Sobre o *boom* de TDAH desde meados da década de 90: CALIMAN, Luciana Vieira. A constituição sócio-médica do “fato TDAH”. *Psicologia & Sociedade* [online], v. 21, n. 1, 2009, p. 135-144. Disponível em: <<https://goo.gl/tnc9e1>>. Acesso em 12 nov 2018.

os próprios cabelos, acusando-os de feios e dizendo-se desejosa de tê-los loiros. Em sessão, já a caminho da sala e novamente dentro, recorrentemente ela personifica uma celebridade adolescente de cabelos loiros e olhos azuis, enaltecendo esses traços. Sobre os objetos, ela fantasia privilegiadamente com a posse de *tablets* e celulares, ora presentes de uma mãe rica e benevolente, ora aquisição própria por ser ela, Elena, a adulta rica das brincadeiras.

Como nos indica Jerusalinsky (p. 17)³⁹, é próprio das crianças que alarguem seu imaginário para “brincar de ser grande”, ou para ser o que ainda não são, dando conta de um ideal que por ora são incapazes de cumprir devido à frágil condição corporal e psíquica num mundo que as demanda adultas. Para isso, identificações e objetos concretos do mundo têm lugar favorecido: as identificações por fornecerem uma matriz de características prontamente incorporáveis desde onde partir, e os objetos concretos por suprirem a necessidade que as crianças têm de um suporte material tangível.

Mas por que precisam ser estes os alvos e os objetos privilegiados? E não ponho esse problema baseado apenas nos atendimentos a Elena: ela poderia muito bem, singularmente, dirigir seu interesse a cabelos loiros e aparatos tecnológicos (estes últimos, aliás, sendo emblemas dos enredamentos de nosso tempo⁴⁰). O cerne do problema é como essas insígnias contemporâneas da felicidade permeiam os sujeitos de maneira generalizada, solapando justamente o potencial de posicionamentos mais livres. Que a menina se encontre referenciada a traços físicos que não os seus, rechaçando estes últimos, quando sabemos do lugar social desprivilegiado que eles têm em relação a outros; e que seu apelo a objetos de elaboração e desejo limitem-se àqueles que um sistema de consumo nos oferta irresponsavelmente, essas são questões a se considerar no que diz respeito à Elena sujeito.

A adesão compulsória dos sujeitos a um discurso social dominante, como aponta Rosa (p. 1)⁴¹, caracteriza violência simbólica uma vez que lhes atribui lugares marginais, no limite tendo como implicações situações de

.....

³⁹ JERUSALINSKY, Alfredo. *Para compreender a criança: chaves psicanalíticas*. São Paulo: Instituto Langage, 2011.

⁴⁰ SIBILIA, Paula. A escola no mundo hiperconectado: redes em vez de muros? *Matrizes* [online], n. 2, 2012, p. 195-211. Disponível em: <<https://goo.gl/RRvUR2>>. Acesso em 12 nov 2018.

⁴¹ ROSA, Miriam Debieux. Uma escuta psicanalítica das vidas secas. *Revista Textura*, São Paulo, ano 2, n. 2, 2002, p. 1-13. Disponível em: <<https://goo.gl/fLMGkQ>>. Acesso em 12 nov 2018.

conformismo ou irrupções de violência. Betts⁴² colabora com essa problematização quando afirma que:

...cada vez mais a violência no laço social contemporâneo é organizada pelo discurso capitalista e pelo discurso da ciência. No discurso do capitalista, o sujeito do inconsciente, sujeito de desejo, é visto exclusivamente segundo sua potência fálica de consumidor manipulável pelo marketing, alienável no gozo de consumo dos objetos ofertados. O discurso da ciência, por sua vez, se funda sobre a foraclusão do sujeito do desejo. O sujeito do enunciado é reconhecido, mas o sujeito da enunciação é foracluído. (p. 13)

58

Rosa tangenciará ainda essa problemática identificando a emergência de situações traumáticas⁴³ com o veto ao acesso de bens materiais e discursivos. O desamparo social se refere propriamente ao não acesso a recursos institucionais como saúde, educação e moradia. Já o desamparo discursivo pode ser depreendido das situações em que o sujeito não se vê contemplado nos discursos considerados legítimos de serem ditos e escutados num determinado laço social. Também sobre isso falará Betts, por sua vez aludindo à situação dos estrangeiros no contexto atual das migrações. O autor se refere a um embate imediatamente etnocêntrico⁴⁴, num choque de nacionalidades, denunciando o perigo de uma assimilação dos imigrantes por exclusão, na qual a permissão concedida pelo laço social de a ele pertencerem é escusa, quando não francamente perversa, uma vez que os lugares reservados aos assimilados seguem marginais. Restam empobrecidos os

.....

⁴² BETTS, Jaime. Desamparo e vulnerabilidades no laço social – a função do psicanalista. Porto Alegre: APOA, n. 45-46, jul.2013/jun.2014, p. 9-19. Disponível em: <<https://goo.gl/jr3LAV>>. Acesso em 12 nov 2018.

⁴³ Aquelas que não podem ser desdobradas em narrativas assimiláveis e transmissíveis, como nos é caro, enquanto sujeitos sociais, nas situações em que um evento periga nos subjugar.

⁴⁴ Não que o anterior, atinente aos cabelos e aos olhos em Elena, não o seja; mas finge-se de menos imediato por já ter tido maior tempo histórico no qual ser inscrito e recalçado num processo naturalizador de escamoteamento. Por isso, se efetivamente o formato dos cabelos e a cor dos olhos fomentam imaginários de cerne etnocêntrico, esse etnocentrismo tem hoje sua real importância convenientemente minimizada por aqueles que, desimplicando-se, divulgam-no como o eco distante de um conflito superado.

sujeitos destinados a essas situações, certamente, mas também o próprio laço social, que se fecha ao intercâmbio de culturas e à diversificação dos modos possíveis de andar pelo mundo.

...

Não posso deixar de notar ainda alguns momentos de inesperado desconforto para mim, em atendimento, sobre questões que supostamente tenho como bem resolvidas: cenas rememoradas de uma falta de comida objetivamente ocorrida, e que culminariam em sessão numa Elena generosa a compartilhar comigo o seu pudim de mentirinha; a queda de um móvel já frágil sobre o corpo de uma amiguinha num acidente noturno; o vaivém de atores na morada esporádica da menina fora da instituição, pondo-me em estranhamento sobre os costumes lá naturalizados da divisão público-privado; cantorias de um ritmo com letras ostensivas de sensualidade e sexualidade relatadamente transmitidas por figuras adultas do entorno; uma criancinha encenando com bonequinhos a peleja entre duas *periquetes* pelo mesmo *macho*, depois de ofensas dispersas a alguém *vadia*, alguém *brocha* e alguém *bicha*. (Depois ela me perguntaria ainda *ô, tu é bicha?* – ao que me ocorreria “fazer a egípcia” para olhar ao largo de minhas próprias problematizações e implicações e poder acolher as de Elena. Com efeito, para meu novo espanto – depois do brilhante *antipiscólo*, que já aglutinaria os termos *antipsicótico* e *psicólogo* da maneira mais original –, abrindo a escuta ao *bicha*, desvelou-se não um sentido pejorativo que poderíamos facilmente antecipar do cotidiano, mas um sentido rebuscado pela perceptividade muitíssimo afluída das crianças: na cena da peleja, *bicha* era alguém que brigava junto.)

59

Não hesito em me ver como alguém capaz de suspender a própria moralidade quando a situação demanda, como é o caso de um momento de escuta. Mas por que então o desconcerto em ato diante desse relicário trazido pela menina?

Sobre o desconcerto, relembro Rosa quando se refere à resistência do analista, tendo como corolários possíveis efeitos prejudiciais à escuta. Quanto a esses efeitos, a autora ressaltará o perigo de o analista ser tomado exclusivamente pelo peso da situação social, prejudicando a relação intersubjetiva e a atitude de descoberta; a adesão à teoria e às formas usuais de trabalho psicanalítico, dando margem a diagnósticos e preconceitos

errôneos se desconsiderado o contexto desde onde o sujeito recolhe recursos discursivos para se representar; a impossibilidade de ultrapassar o imaginário da distância dos ideais culturais entre analista e analisando, esta podendo levar a “interpretar como falta de recursos do sujeito a sua negativa de falar, própria de quem precisa assegurar-se do outro antes de levantar alguma pergunta sobre seu sofrimento” (p. 6).

Ademais, ser tomado de uma inominável inação quando sou colocado no lugar de figuras que abandonam, ou que excluem, ou ainda figuras tiranas. Numa cena icônica, uma Elena rebelde se recusa a entrar na sala de sempre. E, na sala de espera, onde dessa vez ocorrerá o atendimento, flerta precisamente com a janela que não tem tela de proteção, e cuja tranca sabidamente quebrada não cumpre seu propósito. Ali permanecemos num conflito silencioso, eu estancando com as mãos o acesso à janela, a menina se recusando a me encarar mas lançando olhares periféricos de escárnio e desafio. E não é surpreendente que a cena tenha se dado após uma falta minha na sessão anterior, ainda que avisada.

60

Corso⁴⁵, aludindo a Laplanche, falará da passividade situando-a, muito mais do que na submissão ou na ausência de ação, numa inadequação para simbolizar o que ocorre em nós vindo da parte do outro. Essa cena eu sempre rememoro como uma boa ilustração para a passividade, mesmo porque minha mão na tranca e meus cuidados com Elena demandavam de uma constante atividade se pensarmos fenomenologicamente.

Resistência e passividade: eis dois dos eixos a partir dos quais pôr constante problema à minha prática de escuta.

...

Um desafio que se põe neste caso (mas estendendo também a outras situações de crianças em instituições) é como fazer frente à falta de sentido quando os atores do cotidiano de Elena são tão provisórios⁴⁶, vacilantes em sua

.....

⁴⁵ CORSO, Diana. Édipo, latência e puberdade: a construção da adolescência. Porto Alegre: APOA, n. 23, dez. 2002, p. 18-30. Disponível em: <<https://goo.gl/aFg5R4>>. Acesso em 12 nov 2018.

⁴⁶ Lembremos, por exemplo: da grande rotatividade de profissionais na instituição de acolhimento; dos laços fragmentados e inconstantes nesse entra-e-sai entre ali e a morada esporádica fora dali;

função de conferir significações, nem que fossem também estas provisórias; ou, outra face da mesma moeda, quando as atribuições de sentido, quando ocorrem, são contraditórias ou inconsistentes, dada novamente a inconsistência do laço e da presença desses outros. O silêncio do local ante o questionamento de Elena sobre o porquê de ser ela uma das “escolhidas” para seguir em acolhimento, nem que a resposta fosse uma ficção; a nomeação de “surto” a uma manifestação que poderia muito bem ser chamada de outra coisa, uma que não carregasse o sabido peso imaginário do termo; as medicações, que vêm cumprir uma função meramente pragmática, engolindo-se na mesma tragada as palavras que criam mundos.

A aposta na qual me sinto compelido a investir é justamente aquela que considera os recursos do próprio sujeito, perigando de outra forma um sentimento de assolamento diante dos impasses mais amplos. Aproveitar o máximo possível os momentos de sessão, como já me instruiria uma das supervisoras, fazendo valer o fato intransponível de que nossas intervenções estendem-se só até certo ponto. Em última análise, isso considerado, o exercício que empreendemos é também um exercício de humildade.

Esse não é um exercício óbvio e nem fácil. Se por um lado podemos verificar em Elena uma enorme extensão simbólica para lidar com os impasses que concretamente se impõem numa frequência cotidiana, essa verificação ainda me vem como uma surpresa, como se no fundo me fosse difícil abrir mão do pressuposto de que uma situação de relativo desamparo social e discursivo fosse garantia de uma resposta psíquica análoga. *Como pode ela ir tão bem?* é uma outra pergunta de fundo que intrometidamente me acomete vez e outra, a qual tenho ativamente cedido de responder, aceitando considerar apenas que *mas que bom que vai*. Não obstante, disso depreendo a dificuldade, enquanto “analista”, de vislumbrar a cena desde uma ideário social distinto, o que é todavia necessário se quero, como acredito querer, construir com o sujeito à minha frente a mais legítima das possibilidades de desenvolver o próprio desejo – e independentemente de minhas resistências e passividades.

É um trabalho que segue em processo.

.....

dos não ditos e conversas de canto que circulam no local, como a dramática ameaça de fechamento por questões político-institucionais, fantasma que pairou fortemente durante um período do tratamento.



exposição sobre um caso de desmembramento

(2018)

muito tempo terá nos passado até nos convenceremos de que aquele toco farfalhando ao nosso lado é em realidade o nosso braço, e precisaremos ter registrado em nós a existência das costelas para que vestirmos sozinhos um casaquinho não se torne no futuro uma tarefa impossível. pouco importaria que a visita insolente nos tivesse vindo puxar o pezinho de bebê para fazer-nos gracejos: não teríamos rido ao sabor do próprio pé se já não viéssemos desconfiando que ele, assim como outros pés mundo afora, é presa fácil para os gracejos. depois, quando caíssemos de joelhos pela primeira vez, buscaríamos ainda o adulto para um aval. *diz-me como sentir, tia ana*. pediríamos à tia se já pudéssemos subjugar as palavras em vez de apenas padeceremos delas. dor, meu anjo. prazer, meu anjo. coisa alguma. demônio. os olhos e as mãos dela nos responderiam com maior ou menor tato. e nós, sorvendo de trás da resposta a função geral dos olhos e das mãos, apreenderíamos ainda que eles fazem parte dos órgãos da fala. a nossa irmã, um passo atrás no aprendizado dos nomes do corpo, por ocasião de um choro nosso já mais grandinhos, pôr-se-ia junto a chorar por não saber ainda de quem seria a dor afinal de contas.

haverá casos em que a casa é o próprio corpo. não um apêndice a se estender para fora do corpo como o violão se estende do violonista numa unidade provisória. não. pois aí se supõe ainda um interstício capaz de devolver cada qual à sua natureza depois: madeira de um lado, carne do outro. a ideia em questão é de todo mais estranha à inteligência. o espectador corriqueiro dificilmente teria condições de assimilá-la. se o infante na sala perguntasse *por que o tio tem um buraco na barriga, tia ana?*, e a tia aceitasse a carne e a madeira como um único corpo criaturesco, mesmo que num

breve desatino, correria instantaneamente o risco de ser violada pela lembrança terrível do ventre, e seu corpo custosamente humanizado faria menção de se despedaçar pelos ares. mas seria rápido. demasiado antinatural, a criatura desconcertante seria enxotada do pensamento num piscar de orelhas, e a criança levaria ainda uma advertência pelo absurdo levantado. (a tia, contudo, teria contado baixinho nos dedos o número de corpos sobre o banquinho à frente. e, satisfazendo uma vez mais a sua necessidade básica de separar as naturezas, violão aqui, violonista acolá, trataria de abafar na própria barriga qualquer vestígio do incidente.)

um violonista-violão seria *mais verdadeiramente* um violonista ou um violão? há um engano fundamental já na colocação da pergunta. tamanha é a comunhão do corpo com a casa nas vezes em que um é o outro que já lhe impingimos uma agressão meramente dividindo-o em dois nomes. e se quisermos conhecer os pormenores do caso em questão, precisaremos conferir-lhe uma inteligibilidade ao máximo digna, assim como faríamos ao hipotético caso de um violonista-violão. de modo que, diferentemente da tia, precisaremos aceitar o desconforto de um ser humano bastante estranho àquele de nossos hábitos, e que – para responder à pergunta, ainda que tendo-a posto sob suspeição – não é mais verdadeiramente nem um, nem outro; nem violonista, nem violão, senão, maximamente: violonista-violão.

ademais, que tenhamos colocado a pergunta elegendo a hipotética nomenclatura violonista-violão, e não violão-violonista; em suma, que tenhamos convencionado nomear o ser humano de nosso estudo primeiro com um termo antropomórfico, e só depois com um termo musical – novamente como se fosse um apêndice –, por aí já denunciámos toda a tendenciosidade de nossa compreensão sobre as coisas que, desde nossa humanidade habitual, percebemos. ou, trocando em miúdos, a inteligibilidade a que

condicionamos as coisas partirá sempre de nossos próprios pressupostos antropocêntricos. como se as coisas dos homens fossem sempre as primeiras. e por homem entenda-se *homem*, não *humano*, senão homem com H, o fornecedor da costela, e de cuja derivação adviria algo apenas posteriormente denominado de outra coisa.

assim é que temos nos prestado a um adestramento sobre a hierarquia dos corpos. bem como os cachorros se prestariam a um adestramento após a sineta e o bife, exceto que os cachorros, embora igualmente seres vivos – e portanto igualmente sabedores do corpo –, dispõem de um repertório existencial muito menos diverso. disso poderíamos depreender a vocação dos seres humanos, dado o largo campo de indeterminação que suas faculdades lhes outorgam, para malar seus órgãos e versatilizar suas matrizes ortopédicas de leitura. mas não. ao corpo vamos dando hábitos mais crônicos, e parece que aos corpos que mais alta voz se autoatribuem⁴⁷ é suportável apenas uma porção muito débil de espanto. a habilidade que autorizaria o seu proveitoso cultivo é podada dos infantes no entardecer da adultização, silenciando-os para a sinfonia que poderiam compor com outras criaturas de si-mi-lá-ré-s fá-dó-s sob um mesmo... sol. um silenciamento certamente lamentável. pois – conforme estudos empíricos vêm demonstrando patentemente já desde o jardim de infância da humanidade – mesmo os caramujos, as baratas, os gafanhotos, etc. – embora nem precisássemos ir tão longe –, se os introjetássemos como sendo desde sempre corpos menos estranhos, poder-nos-iam expor algo, minimamente, sobre a música de nossos próprios mapas.⁴⁸

.....

⁴⁷ Sobre o privilégio masculino na produção de conhecimento: WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

⁴⁸ Sobre a grandeza das coisas miúdas: BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

cremos termos dissecado satisfatoriamente nosso corpo de estudo por ora, de modo que um terreno viçoso tenha já se sedimentado no qual o espectador possa distribuir os pedaços seguintes da exposição. vê-lo-emos na semana que vem, nesta mesma si-lá. perdão, sala.

hodofilia

(2016)

pela tua epiderme descoberta
o esperma do mundo inteiro
detritos de um outro hemisfério
de um outro estado rebento
os que ali fizeram epicentro –
porque ali duraram –
adentro
pelas terras já demarcadas
e as entranhas já deferidas
pela derme, hoje exposta,
sangra cada mapa uma aposta

e de içar o sempre além-mar,
apátrida a carne se mostra

hodofilia é o amor outro

•

Unidade Básica de Saúde

(2018)

Para poder entrar numa vida – num lugar –, é preciso aceitar que teremos pegado o bonde andando. E para poder sair, também, aceitar que o bonde seguirá andando. Num sentido desses, os começos são meios, assim como os fins o serão. Só assim será possível ir acompanhando os processos: aceitando que nosso acompanhá-los não foi antes de nós imprescindível, e provavelmente não será depois de nós, e nem mesmo durante. Mas, de alguma forma, será determinante. Eis uma pista ética difícil, mas necessária, de carregarmos nas costas. (Também somos metade bonde.)

Quando fui questionado sobre o que a equipe poderia esperar de mim enquanto estagiário de Psicologia Social e Políticas Públicas, de repente eu não soube o que responder. (Aliás, ainda hoje, ao refletir sobre meus lugares de profissão e estudo, coça no fundo dos olhos a pulga de esmiuçar o termo, diferenciando-o em suas acepções maiúscula e minúscula: *Psicologia* ou *psicologia*? Parece que cada emprego carrega de reboco uma série de pressuposições e implicações que precisam ser elucidadas como que numa prevenção de acidentes, e daí todo um enredo interno já ir se apertando para ser comunicado numa nota de rodapé hipotética: *Psicologia* como Nome consagrado, tributário de uma série histórica de jogos de forças que Lhe concedem um status de saber legítimo; *psicologia* como um termo genérico para pensar de maneira supostamente desimplicada a psicologia das coisas, como se mesmo nessa psicologiação mais corriqueira já não déssemos voz a uma carga subjacente que frequentemente pega de empréstimo do primeiro termo o estatuto de verdade. Assim não se faz tão óbvio o apelo por um dos termos em detrimento do outro a cada uso. Letras pesam.)

Parecia óbvia para mim, isso sim, a ideia de que eu ali entrara para prosseguir com o trabalho iniciado por um colega que saíra antes do previsto. Daí a sensação forte de pegar o bonde andando, e daí talvez a pouca importância que eu dera inicialmente à reflexão de minha própria inserção,

como se o terreno até ali construído antes de mim fosse já suficientemente revelador do encargo⁴⁹ que a equipe poderia me imputar. De modo que recorri às práticas mais frescas em mim naquele momento, na esteira do Estágio de Ênfase em Processos Clínicos realizado anteriormente e, emparedado pela pergunta, pouco convencido, respondi logo uma coisa qualquer, enfatizando os atendimentos individuais em psicoterapia, mesmo estando muito bem avisado da pouca prioridade que estes tomam num serviço como uma UBS.

Talvez eu esperasse uma próxima oportunidade para responder à mesma pergunta, quando eu já me visse melhor refletido? Ou esperava, no íntimo, que dali a alguns meses a minha prática, agora ainda incerta, fosse se mostrar autorreveladora e me responder por conta, de maneira muito mais efetiva, ainda que tácita? Fosse o caso, como suportar o tempo até esse momento ótimo quando momentos assim de ótimos costumam nem existir?

De fato, a pergunta nunca retornou dessa forma derradeira. No entanto ela se reatualiza a cada atendimento individual, visita domiciliar, coordenação de grupo ou discussão coletiva, onde tenho sido convocado a discutir justamente a construção de práticas. E ali me parece que existe algo a ser dito sem tanto embaraço. Ninguém sabe *tão bem assim* o que fazer. As perguntas não costumam vir na forma de apoteoses: elas se diluem, de modo que é possível pensá-las homeopaticamente, certamente um modo muito mais suportável de experimentar o tempo.

...

No meio disso tudo, eu. Miúdo, talvez, diante do todo, mas em momento algum mais prescindível. Eu circulo com o meu corpo. Eu tenho tosse de vez em quando. Às vezes eu vejo escapar pela boca o adolescente nos

.....

⁴⁹ *Encargo* como sendo algo historicamente produzido como aquilo que socialmente se entende que seja o fazer de determinada profissão, conforme Passos e Barros (PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 16, n. 1, 2000, p. 71-79. Disponível em: <<https://goo.gl/oiroq2>>. Acesso em 12 nov 2018). Na cena do estágio a que me refiro, podemos agora avaliar retrospectivamente a minha vagueza para constatar a ideia torta e transcendental de que um encargo, uma vez estabelecido na História, será estático e sempre autoevidente. Como se não dependesse principalmente das relações corpo-a-corpo e das práticas cotidianas que esse encargo se transformasse a cada contexto e processo.

lugares reservados às gentes grandes. Às vezes é muito cedo para acordar, ou muito calor. Mas acorda-se. Essas errâncias do corpo individual inevitavelmente têm efeitos nos sentidos que eu atribuo retroativamente às minhas entradas, sejam quais forem. Pois lida-se no corpo de agora com os restos de corpo de antes que seguimos sendo. Pense numa G.H.

No estágio não é diferente, embora seja verdade que ali uma dose maior de autoabstração seja demandada, uma vez que a ética necessária nesse espaço não é uma ética da vida-privada. Mas é verdade também que isso venha às vezes ao custo de um luto brando, como se fosse mais estreito o campo praticável de vida quando dentro de certos lugares. Sem dúvida isso se apazigua à medida que, reatualizando a minha escolha ativa por esse campo, e mesmo ante o olhar acolhedor que colegas e usuários me devolvem todos os dias, posso perceber ali um senso de integração. E daí talvez uma autoadequação qualquer, alguma pista de que é por aí mesmo a coisa. Como se, posta de lado uma parte da minha coisa de sujeito autorreflexivo, dêssemos lugar, em justa troca, a uma outra coisa no mundo.

70

É importante e proveitoso que, como efeito secundário do meu processo individual de vida, o serviço e as pessoas experimentem junto um processo coletivo de vida. Mas seria falso ostentar que o meu motivo singular tenha sido O Motivo Maior, o d'As Grandes Causas, o d'A Luta. Por certo é ali que escolhi estar, daí a responsabilidade de atuar à altura. Quem sente os efeitos disso somos eu e o lugar. Eu nem poderia estar em outro. Mas é importante reconhecer a qualidade de minha implicação porque esse reconhecimento é que garantirá uma sustentação ativa do engajamento necessário às práticas.

...

O questionamento sobre o meu lugar pôde eventualmente ser tomado em seu estatuto de analisador⁵⁰. A presença da Psicologia nesse ponto da Rede é em si já um evento dificilmente esperado. Assim como eu, estagiário, fora

.....

⁵⁰ E ao trazer à tona esse termo eu já assumo mais alguma coisa sobre a ética de fundo que me acompanharia durante esse estágio, uma vez que o conceito em questão remete a um campo muito específico de saberes, que é o da Análise Institucional (BAREMBLITT, Gregorio Franklin. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002).

como que inquirido por uma médica, o campo de estágio parece ser recorrentemente inquirido sobre sua pertinência pelas forças ali atuantes. Tem-se já uma pista da natureza incerta que assumem as práticas da Psicologia numa UBS – assim como em tantos outros contextos –, o que demandaria de mim um demorado processo de reconhecimento de terreno até me sentir efetivamente parte da equipe.

...

Sou recebido à reunião ainda esvaziada pelo olhar convocatório de uma médica da equipe, a qual, debruçada sobre uma pilha de pequenas folhas – possivelmente do tamanho de prescrições médicas –, endereça a mim seis delas. Eu já sei do que se trata: vira esses pedidos de visita domiciliar já antes num corredor nos bastidores da UBS, lugar de se acumularem protocolos, formulários, aparatos médicos, folhas rasuradas e bilhetes negligenciados, além de outras ferramentas de trabalho numa Atenção Básica.

Das seis encomendas de visita domiciliar, contudo, apenas três viriam a ser cumpridas. Destas eu conhecia o endereço, já os visitara com a agente comunitária de referência, daí que a minha revisita agora prevista não seria uma aleatoriedade no meio de uma tarde de algum usuário, mas um evento já esperado desde combinações prévias. Das visitas pendentes, por outro lado, assim se manteriam por faltar ainda que eu me apresentasse aos domicílios, e que a demanda fosse conversada em equipe, de modo que, tendo-as visto antes nas folhinhas somente de passagem e com nomes e endereços estranhos, chegamos agora até mim realmente como surpresas.

Com efeito, essas demandas despachadas de surpresa são agora alvo de debate em reunião. Mesmo enchendo-se mais a sala de aula do térreo, ninguém parece fazer ideia de quem sejam os usuários nomeados naquelas três folhas misteriosas. A agente comunitária em questão, com quem eu visitara os três outros domicílios, está de férias, de modo que não podemos ir adiante na análise da demanda. Além disso, são escassas as informações constantes nessas três folhas-problema: além de nome próprio, constam apenas endereços abreviados e números de Prontuário de Família, este último um dado irrelevante uma vez que se necessitaria do Prontuário Individual para acesso no sistema informatizado.

Daí todo um resgate de conversas já acontecidas no passado da Equipe antes de mim. Falou-se sobre os dados necessários nessas folhas; sobre a necessidade de que as candidaturas a visitas domiciliares em Saúde Mental fossem sempre conversadas em equipe antes, e não decididas ante a avaliação de um membro da equipe apenas; sobre, então, a especificidade das demandas em Saúde Mental em contraponto aos saberes técnicos da enfermagem, da medicina, da nutrição, etc., para os quais uma intervenção mais pontual e pragmática poderia até ser, sim, pertinente; sobre, enfim, a urgente necessidade de discussão dos processos de trabalho e dos fluxos internos, algo já sempre constatável no clima das conversas, mas pouco abordado como sendo de primeira importância.

Sobre esse evento das visitas domiciliares, o pressuposto de fundo é que, existindo já um saber formalizado e suficiente ao qual invariavelmente se atribuem determinadas demandas, diferentes saberes tivessem contribuição marginal ao andamento do processo, o que no limite acaba por reiterar lugares de poder já bem estabelecidos no imaginário das pessoas, além de seus respectivos efeitos subjetivos. No caso, o psicólogo como sempre sendo aquele que terá a palavra final sobre as intervenções corretas em Saúde Mental.⁵¹

Facilmente eu poderia aceitar essa imputação e bancar a visita domiciliar, não fosse o empenho crítico que me faz duvidar dos lugares que me são atribuídos a todo o momento e, como é sempre suposto, a necessidade de se analisar a demanda. De fato, as visitas viriam posteriormente a ser coletivamente avaliadas como desnecessárias, afinando-se a condução dos Planos Terapêuticos Singulares em questão.

Mas isso só se deu após o decorrimento do engano da agente comunitária por vários membros da equipe, quase ao modo de espetáculo, como se fosse necessário trazer bastante a público a impertinência da abordagem dela, numa ocorrência propriamente moralizante. E que essa conduta tenha sido tomada como tão problemática, a ponto de gerar

.....

⁵¹ Mesmo quando profissionais de outras áreas já empenham desavisadamente práticas de acolhimento e intervenção a essas demandas, prescindindo, pois, de nós “especialistas”. O não reconhecimento dessas práticas por quem as realiza já foi apontado como uma espécie de “foco míope” que, se não ajustado, contribui para processos de sofrimento e exclusão, tanto dos usuários, quanto dos trabalhadores (PAULON, Simone Mainieri et al. O foco míope: apontamentos sobre o cuidado à crise em saúde mental em emergências de hospitais gerais. *Revista Polis e Psique*, v. 2, n. 3, 2012, p. 73-94. Disponível em: <<https://goo.gl/GP1EX8>>. Acesso em 12 nov 2018).

posteriores constrangimentos, é também um sinal da dificuldade de despersonalizarmos os processos clínicos e do costume muito corriqueiro de encontrar bodes expiatórios.

Podemos aqui empenhar uma comparação entre diferentes saberes tomando como eixo de análise o status geralmente atribuído a cada um. É comum que se identifique nas falas correntes, por exemplo, uma assimetria de complexidade supostamente existente entre agentes comunitários e outros profissionais. Não são raros os comentários de bastidores, por partes dos primeiros, sobre o estigma por eles sofrido ao serem identificados como “mão de obra”, assim sendo-lhes atribuído um status menos merecedor de prestígio, o que não vem sem danos subjetivos.

Nesse caso específico, por um lado poderíamos aceitar que os agentes são, sim, como que uma “mão do Estado” mais direta sobre os usuários dos serviços. Sendo eles próximos do próprio território, porta a porta, não deixam de ser representantes mais ou menos persecutórios do Estado no que concerne aos hábitos de saúde de uma população, mesmo uma espécie de polícia da saúde, numa lógica de vigilância ativa. Por exemplo, em visitas não anunciadas que membros da equipe eventualmente realizam a moradores de determinadas localidades, se pensarmos sob a perspectiva dos moradores, é como se, tendo uma vez aberto a porta para a UBS, a qualquer momento eles pudessem ser abordados, o que no limite traz à tona uma ética questionável. E isso não raro ocorre sob a justificativa da familiaridade, como se o fato de um usuário ser próximo, “de casa”, garantisse um aval para acessá-lo à conveniência do itinerário do agente.

Mas, na medida em que o agente empenha de fato práticas bastante específicas, por isso corporificando uma dimensão do cuidado dificilmente delegável a outros profissionais, nunca se poderia pensá-los como menos complexos, ou mesmo secundários à efetivação das políticas públicas e de um cuidado integral. Pensar assim seria aceitar o estatuto estático de determinada dinâmica de poder, de determinada distribuição de hierarquias, como se a efetivação do cuidado não dependesse justamente da movimentação desses lugares.

•••

É notório que, enquanto estagiários, precisamos ali dentro sempre reiterar nossas posições e práticas. Como se fosse necessário constantemente trazer de volta a lembrança de uma outra lógica, uma distinta daquela da eficácia veloz, e que pressupõe desde sempre o tempo do processo. É preciso um tempo vazio antes de responder. Uma pausa prenhe de todos os erros em potencial. Depois, ainda um tempo para ter-se de fato errado, quando se tenha de fato errado. E provavelmente ainda um tempo adicional para lidar-se em seguida com o erro. É lógico que este afã, agora, este da prática que é só potencialmente resolutive, e não garantidamente resolutive, é mais delicado num serviço como esse, onde urgem o tempo e a dor dos outros. Mas, ao lado da coragem para dizer, a Psicologia pressupõe nos diálogos uma delicadeza bastante perigosa. É a cobra-capelo dilatada antes do bote. A sucuri ao relento após o boi. A píton albina de enfeite nos pescoços. A jiboia de estimação de algum sujeito ousado.

74

A sensação que tenho é de que, a cada leva de estagiários, o estágio tem tomado um estilo particular, e que é também daí a dificuldade de que se firme no imaginário das equipes um encargo consistente para esse saber. Isso e o fato de que há muita circulação de profissionais, o que é típico da natureza do local, mas demanda de constantes reconversas e uma larga disposição para a perseverança. É como se a história escrita até certa altura perigasse sempre se perder no vaivém de um semestre e outro, de um profissional e outro, ou mesmo de uma semana e outra. Tem sido grande o meu aprendizado sobre a historicidade das coisas, o que começa pelo movimento microcósmino de, a cada nova semana, remontar dentro de mim mesmo o mosaico dos acontecimentos da semana anterior. A Psicologia pressupõe nos interiores uma delicadeza bastante vidraceira. As rosáceas da Catedral de Notre-Dame e o azulejinho apregoado na parede do lavabo do barzinho do bairro boêmio – tudo ao mesmo tempo.

Reafirmando a minha leitura sobre essa metaestabilidade presente no ambiente de estágio, de um modo otimista eu aceito ali uma abertura para a constante reinvenção. Cabe também a nós dizermos, a cada vez, a que viemos, e nisso todo um mérito autoral se faz possível, ainda que nossas escritas do mundo se nos excedam⁵². É o movimento instituinte mais ou menos

.....

⁵² FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992.

escancarado. Mas é problemático quando isso vem como que à obrigatoriedade, pelo fato de a Psicologia ser às vezes escusa para outros profissionais, o que denuncia, como um analisador, como um sintoma, a imagem embaçada que tem a categoria em diversos contextos.

Novamente, está em jogo um questionamento das práticas, um destrinchar dos terrenos e identidades já conhecidos, e uma necessidade de manifestar sem muitos dedos – mas ainda com certa delicadeza – os incômodos e as inconsistências. Esse tipo de coisa, aparentemente abstrata e de vocação predominantemente filosófica, na verdade tem efeitos muito concretos na medida em que favorece pequenas transformações cotidianas nas pessoas e nos espaços da vida.

•

Se viesse hoje o médico querer saber da minha espécie o que esperar e, à ausculta da resposta, apontasse-me o osso do peito, conquanto acertadamente, perceberia ter ali cometido uma fratura. E dela pularia fora, antes mesmo que me concedesse Saturno a demora das palavras à boca, a indeterminação comum a todo ser nascido da Ppsicologia⁵³. Depois, talvez à duração de uma cerzidura salvadora, eu daria já mais remendado alguma pista, certamente, e retraçaria o histórico espectral da disciplina, da profissão, do Século, quem sabe, ou do Firmamento. Mas logo sugeriria que não se esperasse demais de espécie alguma. Que já fôssemos costurando ou parindo outra coisa agora.

•••••

⁵³ (Com dois Ps: um de Pezão e um de pesinho.)



“A vida interior é tudo isso ao mesmo tempo, variedade de qualidades, continuidade de progresso, unidade de direção. Não se a poderia representar por imagens.

Mas se poderia ainda menos representá-la por *conceitos*, isto é, por idéias abstratas, ou gerais, ou simples. Sem dúvida, nenhuma imagem restituirá perfeitamente o sentimento original que tenho do escoamento de mim mesmo. Mas também não me é necessário procurar restituí-lo. Àquele que não fosse capaz de dar-se a si mesmo a intuição da duração constitutiva de seu ser, nunca nada poderia dá-la, nem os conceitos nem tampouco as imagens. O único objetivo do filósofo deve ser aqui o de provocar um certo trabalho que os hábitos de espírito mais úteis à vida tendem a entrar na maior parte dos ~~homens~~ seres humanos. Ora, a imagem tem pelo menos a vantagem de nos manter no concreto. Nenhuma imagem substituirá a intuição da duração, mas muitas imagens diversas, tomadas de empréstimo a ordens de coisas muito diferentes, poderão, pela convergência de sua ação, dirigir a consciência para o ponto preciso no qual há uma certa intuição a apreender. Escolhendo imagens tão disparatadas quanto possível, impedir-se-á uma qualquer dentre elas de usurpar o lugar da intuição que ela está encarregada de convocar, uma vez que seria então imediatamente expulsa por suas rivais. Fazendo com que todas exijam de nosso espírito, a despeito de suas diferenças de aspecto, a mesma espécie de atenção e, de certa forma, o mesmo grau de tensão, acostumaremos pouco a pouco a consciência a uma disposição inteiramente particular e bem determinada, precisamente aquela que a

.....

⁵⁴ BERGSON, Henri. Introdução à metafísica. In: *O pensamento e o movente. Ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 183-234.

consciência precisará adotar para aparecer a si mesma sem véu.⁵⁵ Mas ainda será preciso que ela consinta nesse esforço. Pois nada lhe terá sido mostrado. Ela terá sido simplesmente colocada na atitude que deve assumir para fazer o esforço requerido e chegar por si mesma à intuição. Pelo contrário, o inconveniente dos conceitos excessivamente simples, em semelhante matéria, é o de serem verdadeiramente símbolos, que se substituem ao objeto que simbolizam e não exigem de nós nenhum tipo de esforço. Olhando de perto, veríamos que cada um deles guarda do objeto apenas o que é comum a esse objeto e a outros. Veríamos que cada um deles exprime, mais ainda do que a imagem o faz, uma *comparação* entre o objeto e aqueles que a ele se assemelham. Mas como a comparação extraiu uma semelhança, como a semelhança é uma propriedade do objeto, como uma propriedade tem todo o jeito de ser uma *parte* do objeto que a possui, persuadimo-nos facilmente de que, justapondo conceitos a conceitos, recomporemos o objeto a partir de suas partes e obteremos, por assim dizer, um equivalente intelectual dele. É assim que acreditamos formar uma representação fiel da duração ao alinhar os conceitos de unidade, de multiplicidade, de continuidade, de divisibilidade finita ou infinita, etc. Precisamente aí se encontra a ilusão. Aí também se encontra o perigo. Na mesma medida em que as idéias abstratas podem ser úteis à análise, isto é, a um estudo científico do objeto em suas relações com todos os outros, também são incapazes de substituir a intuição, isto é, a investigação metafísica do objeto naquilo que este tem de essencial e de próprio. De um lado, com efeito, esses conceitos postos um na ponta do outro nunca nos darão mais que uma recomposição artificial do objeto, do qual só podem

.....

⁵⁵ “As imagens de que aqui se trata são aquelas que podem se apresentar ao espírito do filósofo quando este quer expor seu pensamento para outrem. Deixamos de lado a imagem, vizinha da intuição, da qual o filósofo pode necessitar para si mesmo, e que freqüentemente permanece inexpressa.”

simbolizar alguns aspectos gerais e de certa forma impessoais: é portanto em vão que acreditaríamos apreender, com eles, uma realidade da qual se limitam a apresentar a sombra. Mas, por outro lado, além da ilusão, há também um perigo muito grave. Pois o conceito generaliza ao mesmo tempo em que abstrai. O conceito só pode simbolizar uma propriedade especial tornando-a comum a uma infinidade de coisas. Deforma-a portanto sempre em maior ou menor grau pela extensão que lhe confere. Reinserida no objeto metafísico que a possui, uma propriedade coincide com ele, molda-se pelo menos por ele, adota os mesmos contornos. Extraída do objeto metafísico e representada num conceito, alarga-se indefinidamente, ultrapassa o objeto, uma vez que doravante precisa contê-lo junto com os outros. Os diversos conceitos que formamos das propriedades de uma coisa, portanto, desenham em volta dela outros tantos círculos bem mais largos, nenhum dos quais se aplica a ela exatamente. E, no entanto, na coisa mesma, as propriedades com ela coincidem e coincidem por conseguinte entre si. Por força teremos então de buscar algum artifício para restabelecer a coincidência. Tomaremos um qualquer desses conceitos e tentaremos, com ele, ir ao encontro dos outros. Mas, conforme partirmos deste ou daquele, a junção não será operada da mesma maneira. Conforme partirmos da unidade ou da multiplicidade, por exemplo, conceberemos diferentemente a unidade múltipla da duração. Tudo dependerá do peso que atribuímos a tal ou tal dentre os conceitos, e esse peso será sempre arbitrário, uma vez que o conceito, extraído do objeto, não tem peso, não sendo mais que a sombra de um corpo. Assim surgirá uma multidão de *sistemas* diferentes, tantos quantos são os pontos de vista exteriores sobre a realidade que examinamos ou os círculos mais largos nos quais podemos encerrá-la. Os conceitos simples, portanto, não têm apenas o inconveniente de dividir a unidade concreta do objeto numa quantidade

correspondente de expressões simbólicas; também dividem a filosofia em escolas distintas, cada uma das quais reserva seu lugar, escolhe suas fichas e enceta com as outras uma partida que não terminará nunca. Ou a metafísica é apenas esse jogo de idéias ou então, se é uma ocupação séria do espírito, é preciso que transcenda os conceitos para chegar à intuição. Decerto, os conceitos são-lhe indispensáveis, pois todas as outras ciências trabalham normalmente com conceitos e a metafísica não poderia passar-se das outras ciências. Mas ela só é propriamente ela mesma quando ultrapassa o conceito, ou pelo menos quando se liberta dos conceitos rígidos e já prontos para criar conceitos bem diferentes daqueles que normalmente manejamos, quero dizer, para criar representações flexíveis, móveis, quase fluidas, sempre prontas a se moldarem pelas formas fugidias da intuição.”

A aliança de compromisso de que falei lá atrás para seguir o curso das coisas veio assumir por ora a forma estranha e familiar⁵⁶ de um Cérbero⁵⁷ – o monstro de três cabeças que, para amansar a vigília e poder revisitar o sonho, precisa de alguma voz que lhe reative a escuta.

Uma cabeça veio a ser a da *elegia*, esse grande poema que, depois de endereçado, desobriga os espíritos da ânsia ruminatória e da desconfiança rançosa de terem cometido erros – tanto o espírito de quem já passou, porque depois de elegiado pode talvez ultrapassar ainda o alçapão do umbral; quanto o espírito de quem segue a se passar, com sorte agora melhor livrado das cerimônias e portanto autorizado a descarnar do primeiro.

A segunda cabeça, do meio e maior, veio a ser a do *elogio*: às amizadas que aprendi nesse tempo de curso – a mais viva água⁵⁸ do curso da vida toda. (Os nomes e os rostos todos agora me excedem como conceitos ou fotografias que decepariam uma duração. Mas é mão a mão que seguimos a intuir, *in loco*, o que amar quer dizer⁵⁹.)

A terceira, por fim, a ti, tu que ainda me escutas, teria sido a cabeça do *convite*. Mas ao evento da intuição, para o bem e para o mal, não se despacham avisos prévios – ele já nos aconteceu.

.....

⁵⁶ FREUD, Sigmund. O Estranho (1919). In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁵⁷ ROWLING, J. K. *HARRY POTTER e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

⁵⁸ LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

⁵⁹ LINDON, Mathieu. *O que amar quer dizer*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

inventário parcial do saque obtido das ⁶⁰heterotopias

horta

saque em: 2014. dentro de um equipamento de saúde em visita para a disciplina de Psicologia e Saúde Coletiva.

poça

saque em: 2012. dentro de um sítio durante viagem com companhias de curso.

quadra

saque em: 2014. dentro de um dispositivo clínico durante intervenção promovida pela equipe de estágio.

87

cabana

saque em: 2015. dentro de um parque nacional, na beira do rochedo dos lobos-marinhos, durante viagem com amigos.

lixreira

saque em: 2014. dentro de um equipamento de saúde em visita para a disciplina de Psicologia e Saúde Coletiva.

ninho

saque em: 2013. dentro de um paiol durante visita à cidade natal do primeiro caramujo.

.....

⁶⁰ FOUCAULT, Michel. As heterotopias. In: *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, 2013, p. 19-30.

quando morremos pela última vez, os cascos e as crinas são as partes de nós que ainda se escorrem de cá da vida. precisava sempre que um pedaço de ti restasse na Terra para voltar vivo dos liames que se nos teriam ao fundo enteedo. precisava percorrer teus labirintos de vórtice a dar-te eu próprio as demãos de têmpera. talhar-te das curvas a coisa eu próprio a vê-la nas cores mais nítida e tesa.

só depois doeu ainda dar-te aos centos às visitas. lembrança do Lar aos criados-mudos que à infância de sanga serviam de exsudo. trocava teu corpo cromado pela merenda do recreio. de vintém e de regalo de procura ao bocado que coubesse nos teus trocos a valer – não só pesar. perdi-te de abocanho e assim nos desatei.

mas mesmo hoje, se falo por ti, se olho até ti, preciso ainda trazer-te do estômago e à vista sem mareios. e pertinho como sempre, tu amiúdas meus anseios e ao dentrinho tu me rendes a roubar-me o todo em cheio do intervalo dos dentes. e então a minha mensagem, e então a minha monção, para além do mar do oco é que eu as mandarei – de onde vêm os mementos, e onde há os vãos, e onde por último haveremos de estar.